

# REVOLUÇÃO PERMANENTE



ORIENTE MÉDIO  
À BEIRA  
DO ABISMO



# REVOLUÇÃO PERMANENTE

Diretor: Alejandro Bodart

Comitê Editorial: Imran Kamyana - Ezra Otieno  
Oleg Vernyuk - Sergio García - Douglas Diniz  
Rubén Tzanoff - Verónica O'Kelly

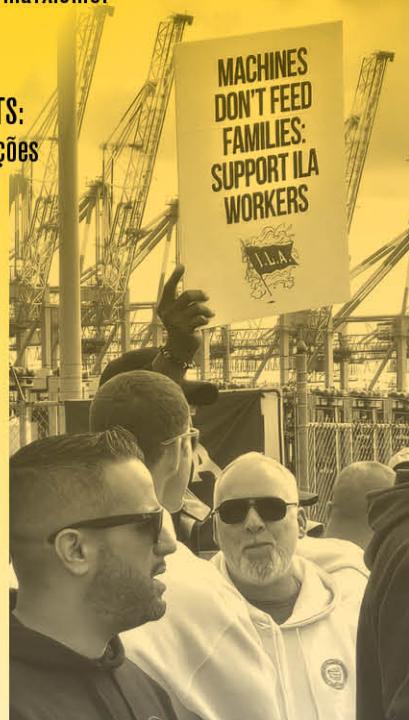
Edição: Pablo Vasco - Martín Carcione  
Arte e Diagramação: Tamara Migelson  
Tradução: Alessandro Fernandes  
Revisão: Neide Solimões - Vera Coimbra



Nossas Redes:  
[www.lis-isl.org/pt](http://www.lis-isl.org/pt)  
E-mail: [liginternacionalsocialista@gmail.com](mailto:liginternacionalsocialista@gmail.com)  
Facebook: [Liga Internacional Socialista](https://www.facebook.com/LigaInternacionalSocialista)  
Twitter: [@liginternacionalsocialista](https://twitter.com/@liginternacionalsocialista)  
Twitter: [@isl\\_lis](https://twitter.com/LigaInternacionalSocialista)  
Instagram: [Liga Internacional Socialista \(LIS\)](https://www.instagram.com/liga.internacional.socialista/)

Os artigos e reportagens não expressam necessariamente as posições da LIS, mas sim de seus autores.



- 
- 
- 3 Trump e a decadência capitalista
  - 6 Síria: um ditador sangrento a menos, mas um futuro incerto
  - 8 Eleições nos EUA - 2024: saem os Democratas, entram os Republicanos, segue a espiral em declínio. Construir um partido dos trabalhadores!
  - 14 Israel, a escalada de um Estado genocida
  - 19 Ontem em Oslo, hoje em Pequim
  - 21 Ali Hammoud do Líbano: "Uma trégua frágil"
  - 24 Líbano: passado e presente de um povo combativo
  - 28 Irã: de uma revolução operária e popular ao domínio do fundamentalismo islâmico
  - 33 Entrevista com Zhaleh Sahand, trotskista iraniana independente. Ex-presa política e Professora demitida
  - 35 Oriente Médio: um olhar sobre sua história
  - 39 Primavera Árabe: uma rebelião popular com tarefas pendentes
  - 43 Mil dias da agressão russa contra a Ucrânia: em defesa do marxismo!
  - 49 Polêmica com a Fração Trotskista e o PTS: incoerências e capitulações no cenário mundial
  - 54 Por um reagrupamento dos revolucionários



# TRUMP e a DECADÊNCIA CAPITALISTA

POR ALEJANDRO BODART

O retorno de Trump ao poder confirma que a ascensão da extrema direita é um fenômeno crescente e internacional<sup>1</sup>. A crise sistêmica do capitalismo e a profunda deterioração dos partidos burgueses tradicionais e das variantes reformistas estão alimentando o crescimento dessa expressão política, encorajada pelo triunfo eleitoral do bilionário Trump.

O ataque aos migrantes, aos direitos das mulheres e das pessoas LGBT+, o negacionismo sobre as mudanças climáticas e o discurso de ódio contra todos os tipos de organizações populares e de esquerda tornaram-se comuns em poucos anos. Somado ao modelo de ajustes ilimitados, junta-se a descrença na democracia burguesa que alimenta a “batalha cultural” da direita mais rançosa para tentar impor ideias autoritárias e um individualismo funcional à concentração da riqueza nas mãos dos mais ricos entre os ricos.

A estatura moral de todas essas expressões políticas e da direita em geral está evidente no apoio incondicional ao sionismo, que à frente do

Estado genocida de Israel nos mostra até onde são capazes de ir para defender seus privilégios de classe.

Mas nenhum dos projetos de extrema direita, incluindo o representado pelo metido a valentão Trump, fará o mundo avançar para uma maior estabilidade, tão necessária ao desenvolvimento dos negócios capitalistas. Ao contrário, assistiremos a um aumento da desordem vivida desde a queda da URSS, ao agravamento com a crise de 2008 e a uma resposta crescente dos trabalhadores e dos setores populares, que não desistem e lutam o melhor que podem, apesar da falta de direções políticas e sindicais que representem verdadeiramente seus interesses.

O que estamos vendo na guerra desigual da Ucrânia, que busca escapar da influência russa, mostra o caos que reina. O anúncio de Trump de acabar com a ajuda econômica e militar a Zelensky quando tomar posse em janeiro levou “Genocide Joe” Biden, antes de regressar à sua casa, a autorizar o governo ucraniano a usar alguns mísseis balísticos de

1. “A ascensão da extrema direita e as tarefas dos revolucionários”. Tema da revista Revolução Permanente, nº 6. Disponível em: <https://lis-isl.org/wp-content/uploads/2024/09/RP-Portugues-pagina-por-pagina-General.pdf>

médio alcance dos EUA (ATACMS) e mísseis de cruzeiro britânicos (Storm Shadow) para atingir o território russo. Contra este ataque, a Rússia respondeu rapidamente com um novo míssil balístico hipersônico (Oréshnik) e uma alteração do protocolo de utilização de armas nucleares, que Putin voltou a ameaçar utilizá-las. Se isso acontecer, implicará em uma mudança com consequências imprevisíveis em nível internacional. Embora o mais provável seja uma quebra de braço entre as potências imperialistas para forçar um acordo e pôr fim à guerra, o que neste quadro favoreceria claramente a Rússia, estão brincando com o fogo e, a qualquer momento, tudo pode ficar fora de controle e incendiar tudo.

As ameaças dos EUA, de paralisia da economia, bem como de atingir seus próprios aliados, principalmente os europeus, aprofundarão a guerra fria que se desenvolve há anos entre o imperialismo estadunidense, em declínio, mas ainda hegemônico, e a China, que se tornou uma nova potência imperialista com alcance global.

Para além das guerras comerciais e tecnológicas entre as superpotências, existem tensões sobre a soberania de Taiwan e de outros territórios reivindicados pela China e em disputa com outros países da região Ásia-Pacífico, que poderão também evoluir para outro conflito armado de impacto internacional.

Os atritos interimperialistas e os conflitos regionais que se acumulam colocaram o mundo no limite e enfrentam a ameaça constante de um novo confronto mundial que, caso se concretize, colocaria a humanidade em perigo de um holocausto nuclear. Só a revolução socialista poderá evitar que uma terceira guerra mundial se torne uma realidade no futuro. Nunca antes a alternativa socialismo ou barbárie esteve tão presente e, ao mesmo tempo, a saída tão cheia de complexidades. Nós, trabalhadores e revolucionários, devemos debater a forma de superar esses problemas para que o futuro da humanidade não esteja em risco e possamos construir um mundo melhor.

## ISRAEL, UM ASSASSINO A MANDO DOS EUA

No Oriente Médio, a barbárie já é presente. O apoio do imperialismo ocidental e a ajuda financeira e militar ao genocídio executado por Israel contra o povo palestino serão certamente

redobrados pela administração Trump, que encoraja Israel a acelerar sua ofensiva e discute a continuidade quando tomar posse.

A ameaça constante de Israel de utilizar armas nucleares contra o Irã, que poderia responder da mesma forma e desencadear um conflito que se espalharia como um incêndio por todo o Oriente Médio, faz desta região uma das mais belicosas do mundo.

O mandado de prisão por crimes contra a humanidade que o Tribunal Penal Internacional acaba de emitir contra o carniceiro Netanyahu, apesar de ser mais simbólico do que efetivo, já foi rejeitado por Biden e Trump, mostrando que democratas e republicanos são duas faces da mesma moeda, além de outros governos de extrema direita, como Orbán e Milei.

O recente acordo de cessar-fogo assinado por Israel e o Hezbollah, impulsionado pela França e pelos EUA, mostra, por um lado, a impossibilidade do sionismo de derrotar os milicianos libaneses, apesar dos grandes golpes sofridos, da perda de vidas civis e do enorme sofrimento da população. Mas, ao mesmo tempo, isola ainda mais a resistência palestina, que perde um dos poucos apoios que tinha na região, facilitando assim os planos de Israel para a colonização total de Gaza, da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental.

O Estado de Israel é um enclave colonial criado artificialmente e armado até os dentes pelo imperialismo para proteger seus interesses econômicos e geopolíticos em todo o Oriente Médio, uma das regiões mais ricas do mundo em bens comuns.

Em 7 de outubro de 2023, a resistência palestina deu um enorme golpe contra o sionismo, quebrando o mito de sua invulnerabilidade. Para além das diferenças irreconciliáveis que nos separam do Hamas e das organizações extremistas islâmicas, defendemos o direito de todos os povos oprimidos de resistir e enfrentar seus colonizadores.

A ação interrompeu os planos de Israel e do imperialismo com as burguesias árabes, que estavam prestes a assinar um acordo para liquidar definitivamente a reivindicação palestina. E com o passar dos dias, a brutalidade israelense sobre Gaza produziu uma enorme onda de solidariedade em todo o mundo, em massivos setores na Europa, na juventude dos EUA e muitos outros países mobilizados e na

linha de frente. Tudo isso expôs o papel nefasto do sionismo para vastos setores da sociedade ocidental, algo que nunca tinha acontecido além de pequenos círculos.

No entanto, mais de um ano depois, é necessário fazer um balanço objetivo. A causa palestina conseguiu tornar-se a causa mais sentida do mundo, mas o custo foi grande. É evidente que as organizações que levaram a cabo a ação do 7 de outubro não estavam preparadas para enfrentar a resposta brutal de Israel, que já matou dezenas de milhares de pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, destruiu as infraestruturas da Faixa de Gaza e continua avançando com um plano radical de limpeza étnica para liquidar todos os vestígios de autonomia em Gaza e na Cisjordânia. A confiança de que o Irã interviria para os apoiar revelou-se completamente infundada. A autocracia mulá é movida apenas pelos seus próprios interesses, que são alheios aos do povo palestino ou libanês. Este fato ficou plenamente demonstrado no ano passado. E o mesmo se pode dizer das restantes autocracias árabes, que não mexeram um dedo e até reprimiram as mobilizações espontâneas que tiveram.

Vale a pena mencionar também o papel da China e da Rússia, que, para além de um ou outro comunicado cínico, atuaram no sentido de que todas as organizações palestinas aceitassem um acordo com base no reconhecimento da existência do enclave sionista, o que significaria simplesmente renunciar ao objetivo estratégico de construir um Estado palestino em seu território histórico, para onde possam regressar milhões de refugiados que foram expulsos de suas terras nos quase 80 anos de ocupação.

É cada vez mais evidente que o corajoso povo palestino, por si só, não será capaz de derrotar o monstro. A extraordinária mobilização de solidariedade em todo o mundo, que deve continuar, tem sido muito importante para tornar visível o genocídio e forçar os governos e instituições, como o TPI, a se pronunciarem contra os crimes de Netanyahu, mas também não conseguiu alterar o equilíbrio de poderes e barrar os planos de Israel.

Algumas organizações apostam na reação de solidariedade da classe trabalhadora israelense. Mas isso não acontece há décadas e não por razões puramente materiais. A grande maioria da população de origem judaica não é natural da região e vive em terras tomadas à força de centenas de

milhares de palestinos expulsos. Estão conscientes de que uma vitória palestina significaria o fim da situação privilegiada pela ocupação.

O destino do povo palestino está fundamentalmente ligado ao dos trabalhadores e da juventude dos diferentes países árabes. As próximas revoluções terão de completar as tarefas que começaram na Primavera Árabe: livrarse de uma vez por todas das várias ditaduras cúmplices do sionismo, sem interrupção, até conseguirem avançar em unidade com governos de trabalhadores e uma federação voluntária de repúblicas socialistas em todo o Oriente Médio. Só assim o povo palestino, juntamente com o resto dos povos árabes, conseguirá derrotar definitivamente o sionismo, regressar ao seu território histórico e construir um Estado palestino que, para permitir a coexistência pacífica de todas as religiões, deve ser laico, não racista e, acima de tudo, socialista.

Qualquer outra saída, além de ser utópica, gera ilusões que confundem os lutadores sobre as batalhas políticas que precisam travar e sobre as tarefas em mãos. Devemos continuar na linha de frente na promoção da mais ampla solidariedade com a Palestina e com todos os povos atacados pelo imperialismo. Mas, ao mesmo tempo, devemos ajudar a construir partidos socialistas revolucionários em todos os países e uma organização internacional, ultrapassando todas as dificuldades, se quisermos que as próximas revoluções se tornem socialistas e não retrocedam. Só assim conseguiremos começar a destruir o capitalismo, antes que a degradação deste sistema podre nos condene à barbárie em todo o mundo. 

## ORIENTE MÉDIO À BEIRA DO ABISMO: situação atual e perspectivas



Aponte seu aparelho para o QR Code e leia o artigo de Imran Kamyana



# Síria: um DITADOR SANGRENTO A MENOS, mas UM FUTURO INCERTO

*Coordenação da LIS, 12 de dezembro de 2024*

**No Oriente Médio já severamente devastado pelo genocídio contra a Palestina e ataque ao Líbano pelo estado sionista de Israel, a ditadura sangrenta de Bashar al-Assad caiu há alguns dias na Síria, substituída por um setor islâmico liderado por uma coalizão rebelde heterogênea. O país e a região estão entrando em uma nova fase, cheia de interrogações.**

## UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE.

Para o povo sírio e outros povos árabes da região, essa mudança representa um grande passo. Marca o fim de 54 anos de governo ditatorial do clã al-Assad: 24 anos sob o comando do deposto Bashar e 30 anos sob o comando de seu pai, Hafez, por meio do Partido Baath. O regime, com seu nacionalismo populista árabe, girou cada vez mais à direita, negociando com vários imperialismos e, especialmente nas últimas décadas, nunca apoiando significativamente a resistência palestina contra o colonialismo e o genocídio sionista. Na verdade, o governo só falou da boca para fora sobre a causa palestina e a usou para sua opressão interna. Esse é um dos motivos pelos quais muitos palestinos, inclusive o Hamas, saudaram a queda de al-Assad.

Vale observar que o governo do Partido Baath na Síria começou

em meados da década de 1960 como um projeto de certa forma progressista e anti-imperialista, sob a liderança de Saleh Jaded, entre outros. Mas, devido à falta de uma direção marxista, além de confusões ideológicas, ziguezagues políticos e disputas internas, o partido se perdeu num tipo de capitalismo de apadrinhamento altamente corrupto, que exigiu uma repressão estatal permanente e sem precedentes contra a grande maioria da população. A degeneração do regime se acelerou após a década de 1990, quando adotou políticas neoliberais, o que levou à perda do apoio popular. As deserções do exército sírio e a vitória dos rebeldes em apenas dez dias confirmam que o regime estava em decadência, sem apoio social. Nenhuma saída democrática poderia se abrir com uma tirania tão corrupta a serviço do clã al-Assad e de seus capangas no poder. É por isso que as multidões saíram às ruas para comemorar, na Síria e em vários outros países. De uma população total de 24 milhões, há 5 milhões de refugiados no exterior, fugindo da guerra civil e da repressão de 2011, que agora começaram a retornar ao seu país.

## RÚSSIA E IRÃ, GOLPEADOS

Para ambos os países, que também estão sob regimes ditatoriais há décadas, a queda de al-Assad significa um grande enfraquecimento de sua influência na região. Tanto o governo de Putin quanto o dos mulás iranianos foram, durante anos, os principais apoios políticos e militares na Síria. O serviço secreto da Rússia, a serviço de um imperialismo emergente engajado na guerra de invasão contra a Ucrânia, não previu essa ofensiva rebelde na Síria. O mesmo vale para o Hezbollah, muito enfraquecido e, acima de tudo, para a ditadura teocrática do Irã que, em vez de liderar o “eixo de resistência” antissionista, como havia prometido, na verdade traiu a luta palestina. De qualquer forma, tanto o Irã quanto seus representantes e a Rússia não estavam mais em posição de apoiar um regime em colapso, que desmoronava ao menor empurrão.

Por sua vez, Israel aproveita o vácuo de poder para mover tropas para a zona desmilitarizada entre as Colinas de Golã (que invadiu ilegalmente desde 1967) e a Síria.

**A diversificada aliança rebelde** é composta por quatro setores, às vezes em confronto entre si:

- **Organização pela Libertação do Levante (Hay'at Tahrir al-Sham, HTS):** um grupo islâmico sunita que, nos últimos anos, tenta se apresentar como uma força principal “moderada”. Sua ala política é o Governo de Salvação da Síria e seu principal líder é al-Chaara (também conhecido como al-Jolani).
- **Exército Nacional Sírio (SNA):** apoiado pela Turquia, uniu-se à Frente de Libertação Nacional e busca criar uma zona de amortecimento na fronteira turca para impedir o avanço da luta do Curdistão.
- **Forças Democráticas Sírias (SDF):** milícias curdas lideradas pelas Unidades de Proteção Popular (YPG), com apoio dos EUA, controlam a área de Rojava e estão sob ataque do Exército Nacional Sírio.
- **Homens Livres da Síria (Ahrar al-Sham):** surgiram em 2011 a partir da fusão de vários grupos ultraislâmistas, com influência do Talibã afgão.

O ISIS (Estado Islâmico, Daesh) não faz parte dessa aliança por ser rival do HTS, mas ainda existe e, na crise atual, pode recuperar presença.

## NAO À INTERFERÊNCIA EXTERNA

Em 2011, como parte da Primavera Árabe, houve uma revolta popular na Síria contra a ditadura. Al-Assad reprimiu duramente e iniciou uma guerra civil que deixou 600 mil mortos – incluindo mais de 100 mil civis – e 10 milhões de deslocados, metade internamente e metade no exterior. Entre os setores políticos e religiosos rebeldes, que inicialmente eram mais independentes, a influência dos EUA e da Turquia cresceu e eles tentarão mantê-la ou expandi-la. Além disso, o apoio de outros Estados reacionários, como a Arábia Saudita, o Catar, a Jordânia e os Emirados Árabes Unidos para várias facções não podem ser ignorados. A complexidade da situação é tamanha que essas potências podem estar aliadas em algumas regiões, mas em desacordo em outras.

Atualmente, o HTS está negociando com o enviado da ONU, Geir Pedersen, o ex-primeiro-ministro assadista al-Khalali e representantes de outros países. As negociações se baseiam na Resolução 2.254 do Conselho de Segurança da ONU, que propõe uma “transição civil” de 18 meses, uma nova Constituição e a convocação de eleições. No entanto, não se pode descartar a possibilidade de lutas internas sangrentas entre grupos rebeldes durante o processo.

## QUAL É A SAÍDA?

A comemoração de grande parte do povo sírio com a queda do ditador não deve ofuscar os riscos envolvidos. Como já dissemos, a aliança rebelde heterogênea é influenciada pelo imperialismo, pelo regime turco expansionista e pelos setores islâmicos –incluindo o HTS– cuja estratégia é um Estado teocrático que não garantirá os direitos democráticos e sociais que há tanto tempo deveriam ter sido garantidos. Uma verdadeira solução democrática deve incluir a convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, em que os refugiados que retornem também possam participar, a fim de reorganizar o país em uma direção de libertação nacional e social, em solidariedade à causa palestina e ao estabelecimento de um Estado laico, que promova a coexistência pacífica entre povos e religiões.

A Liga Internacional Socialista compromete-se com o desenvolvimento de uma alternativa revolucionária anti-imperialista e anticapitalista, na luta por uma Síria socialista dentro da estrutura de uma federação socialista do Oriente Médio. Enfatizamos que isso só será possível por meio da organização revolucionária das massas trabalhadoras e do povo oprimido da Síria, em aliança com os oprimidos e explorados do Oriente Médio e além. 

- Abaixo toda interferência imperialista na Síria!
- Abaixo a teocracia e o fundamentalismo religioso!
- Nenhuma ilusão com as forças proxy e os cúmplices do imperialismo.
- As necessidades democráticas das massas sírias devem ser respeitadas.
- Solidariedade e apoio ao povo sírio, por uma Síria democrática, laica e socialista.

# Saem os Democratas, entram os Republicanos, SEGUE A ESPIRAL EM DECLÍNIO. Construir um partido dos trabalhadores!



POR PETER SOLENBERGER

Este artigo atualiza e amplia meus artigos anteriores “Capitalismo, Democracia e as Eleições nos EUA em 2024” e “Depois das Eleições nos EUA em 2024”, ambos escritos para o Partido Comunista dei Lavoratori (PCL) e republicados no site da Oposição Trotskista Internacional (OTI)<sup>1</sup>. A OTI está num processo de debates políticos e trabalho conjunto com a Liga Internacional Socialista (LIS), que ambas as organizações preveem que conduzirão à integração da OTI na LIS no primeiro semestre de 2025

Em 2020, muitos sociais-democratas, neostalinistas e até alguns ativistas da tradição trotskista, apelaram aos trabalhadores e à esquerda para votarem em Joe Biden, agitando os discursos com a política de “*Frear Trump, lutar contra Biden*”.

Quatro anos depois, os resultados são visíveis: a eleição de Biden freou Trump durante quatro anos, mas a luta contra Biden não se concretizou e agora Trump está de volta.

Algumas greves e ameaças de greve de alto nível conquistaram aumentos salariais relativamente significativos, as mulheres e outros ativistas dos direitos reprodutivos conquistaram referendos para proteger o direito ao aborto e criaram redes para

ajudar as mulheres em estados onde é proibido e, o movimento de solidariedade à Palestina desafiou Biden com o apelido de Joe Genocida.

Mas a massa de trabalhadores e oprimidos não se mobilizou, principalmente porque os dirigentes sindicais e as lideranças dos movimentos não confiavam na sua capacidade de luta e não queriam prejudicar as perspectivas eleitorais dos democratas.

Com pouca pressão dos sindicatos e dos movimentos, os Democratas apresentaram-se como o partido moderado do *status quo*. A estratégia não funcionou. Trump ganhou a presidência por uma margem estreita, e os Republicanos conquistaram maioria apertada no Senado e na Câmara dos Representantes.

É importante notar a pequena diferença no resultado. Trump e os Republicanos não possuem um apoio social legítimo. A maioria dos trabalhadores que votaram neles fizeram com a lógica da maioria dos trabalhadores que votaram nos Democratas: votaram em quem consideravam o *mal menor*.

Os últimos quatro anos foram maus, os próximos quatro anos serão piores e o futuro parece sombrio, a menos que a classe trabalhadora intervenha para mudar o curso da história. Em primeiro lugar, é necessário recorrer às greves e às ruas para resistir à escalada de ataques da nova administração. Depois, construindo um partido de trabalhadores para escapar à armadilha eterna do *mal menor* capitalista.

Os marxistas revolucionários têm um papel fundamental na resistência e na construção de uma alternativa política: usar a nossa compreensão da história e do funcionamento do sistema capitalista para mostrar o caminho a seguir. Não só participamos e construímos as lutas, como também explicamos os obstáculos ao seu sucesso sob o capitalismo e a necessidade de um partido de trabalhadores e de um governo de trabalhadores.

## UMA ELEIÇÃO ACIRRADA

Como esperado, a participação nas eleições de 2024 foi elevada, 155,4 milhões dos 244,7 milhões de eleitores votaram, o que corresponde a uma taxa de participação de 63,5%. Este valor é inferior ao de 2020, que era de 66,4%, mas bastante elevado para os padrões dos EUA. Ainda assim, mais de 1/3 dos eleitores aptos escolheram não participar.

Trump teve 77,2 milhões de votos contados, 49,9% do total. Kamala Harris obteve 74,9 milhões de votos, 48,4% do total. Trump teve uma vantagem de 312 votos no Colégio Eleitoral, contra 226 obtidos por Kamala.

Os Republicanos ganharam quatro assentos no Senado, resultando numa maioria de 53 contra 47. Os Republicanos conquistaram 220 lugares na Câmara dos Representantes, os Democratas, 215. Os Republicanos mantiveram sua esteira maioria.

A nível estatal, nenhum governo mudou de mãos e os direitos ao aborto ganharam em sete referendos, com maioria dos votos em oito referendos e derrota em apenas dois.

O total atual de 77,2 milhões de votos de Trump representa 3 milhões a mais do que os 74,2 milhões que ele obteve em 2020. O total de 74,9



milhões de votos de Harris é 6,4 milhões inferior ao total de 81,3 milhões de votos de Biden em 2020. O fato é claro: milhões de pessoas que votaram em Biden em 2020 não votaram em Harris.

Os três candidatos presidenciais de esquerda obtiveram pouco mais de 1 milhão de votos: 782.247 para Jill Stein, do Partido Verde, 166.174 para Claudia De la Cruz, do Partido para o Socialismo e a Liberação (PSL) e 80.173 para Cornel West, um radical negro independente.

## PORQUE HARRIS FOI DERROTADA?

A vitória de Trump é uma expressão do giro à direita da política capitalista em todo o mundo.

1. Disponíveis em: <https://ito-oti.org/capitalism-democracy-and-the-2024-us-elections/> e <https://ito-oti.org/after-the-2024-us-elections/>

Mas nos EUA, como em muitos outros países, este giro é principalmente o dos partidos políticos e não da classe trabalhadora. Os Democratas não apresentaram uma alternativa real de esquerda aos Republicanos. Para compreender, é preciso entender porque é que Harris perdeu.

A derrota de Harris é, em parte, uma expressão do racismo e do sexismos endêmicos na política dos Estados Unidos e amplificados pela demagogia de Trump. A candidatura de Barack Obama quebrou a barreira racial em 2008. A candidatura de Hillary Clinton não conseguiu quebrar a barreira do gênero em 2016. A candidatura de Harris não conseguiu quebrar a dupla barreira em 2024.

Observando as campanhas mais de perto, Trump ganhou uma maioria de votos da classe trabalhadora branca em duas questões principais:



na economia e na imigração. A administração Biden vangloriou-se de como a economia estava bem: uma “descida suave” após a crise da Covid-19. Mas, para a maioria dos trabalhadores, a “descida suave” foi um regresso à situação em que se encontravam sob a administração Trump antes da Covid-19, exceto pelo fato das taxas de juro e dos preços dos alimentos, da energia e da habitação serem muito mais elevados. Em matéria de imigração, a administração parece ter adotado a política de Trump.

Os Democratas não tinham respostas adequadas para a economia ou para a imigração. Não puderam defender medidas de redistribuição do rendimento dos capitalistas aos trabalhadores ao defenderam os bolsos dos capitalistas. Não tiveram a coragem de dizer que os EUA

precisam de mais imigrantes para compensar o envelhecimento da população e que os imigrantes merecem direitos iguais.

Harris e os Democratas fizeram uma campanha baseada principalmente na democracia e no direito ao aborto. A democracia era um argumento forte entre os liberais relativamente abastados, mas tinha pouca ressonância junto da maioria dos eleitores. Os Democratas estavam demasiadamente envolvidos na deportação de imigrantes, no despejo de acampamentos de sem abrigo, na militarização da polícia e na repressão das ações de solidariedade à Palestina. As tentativas de processar Trump pareciam muito com o uso do cargo político para punir os seus inimigos.

O direito ao aborto foi o tema mais forte dos Democratas. Trump disse que se opõe a uma proibição nacional do aborto e que a vetaria se chegasse a ele. Mas havia receios de que apoiasse medidas que impedissem as mulheres dos estados que proíbem o aborto, ter acesso a abortos por meio de medicamento, ou pudesse fazer em outros estados. A questão do aborto teve adesão, mas ficou aquém do esperado.

A guerra e a paz não foram questões centrais nas eleições de 2024 nos EUA, Harris e Trump possuem acordos fundamentais. Ambos estão comprometidos com um imperialismo americano econômica e militarmente dominante. Trump apresentou-se como um líder forte que diria ao Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky para reduzir as suas perdas, ao Primeiro-Ministro israelense Benjamin Netanyahu para “*obter a sua vitória e acabar com isto*” e ao Presidente chinês Xi Jinping para recuar. Alguns eleitores acreditaram em Trump e votaram nele para evitar a guerra. Outros pensaram que a sua propensão caprichosa resultava numa guerra mais provável.

## O QUE PODEMOS ESPERAR?

Nos próximos dois anos, os Republicanos têm uma tríade - a presidência e as duas câmaras do Congresso - bem como uma maioria de 6 contra 3 no Supremo Tribunal. É provável que a nova administração Trump tome medidas para prolongar as reduções de impostos aos ricos que foram decretadas pela sua primeira administração e que encerram no próximo ano.

O governo tentará reverter os regulamentos para limitar as emissões, reduzir a perfuração de petróleo e gás e o fracking e impulsionar os veículos

elétricos. Estes retrocessos serão prejudiciais, mas a atual administração não fez nada que se aproximasse do necessário, além de seus próprios conflitos internos. O maior apoiador de Trump é Elon Musk, que ganha bilhões com a venda de veículos elétricos subsidiados pelo governo.

A nova administração vai aplicar a lei na fronteira de forma mais implacável, mas a administração Biden já tinha voltado à política de Trump de manter os requerentes de asilo fora dos EUA. Trump fala em deter e deportar milhões de imigrantes ilegais, mas a economia dos EUA precisa deles, em particular na agricultura, construção, indústria de carnes, restaurantes e hotéis. O próprio Trump ganha milhões com os trabalhadores ilegais que trabalham nos seus hotéis, casinos e campos de golfe. Isto limitará o que ele pode fazer para além da sua reclamação.

O Supremo Tribunal decidiu que os Estados podem determinar o estatuto do direito ao aborto. Atualmente, a maioria dos Estados mantém essa decisão, incluindo sete que votaram nesse sentido em 2024. Será muito difícil para os governos estatais antiaborto impedir que as mulheres se desloquem a outros estados para abortar ou para obter mifepristona e misoprostol para aborto medicamentoso.

O Departamento de Justiça irá provavelmente voltar à sua posição de 2017, onde o Título VII da Lei dos Direitos Civis de 1964 (que proíbe a discriminação com base no sexo) não se aplica à identidade de gênero. Nos estados mais progressistas, as pessoas trans continuarão a ser protegidas pela lei estadual, mas os seus direitos estarão sob constante ameaça.

De um modo geral, Trump pretende fazer mais mal do que pode. A sua administração será cruel e má, mas também será ineficaz. É quase certo que perderá a sua tríade em dois anos. Provavelmente presidirá à próxima recessão, o que poderá condenar o próximo candidato Republicano.

A tarefa dos trabalhadores e dos oprimidos é resistir. Quando os Republicanos atacaram os imigrantes em 2006, milhões de latinos protestaram e o Congresso foi forçado a recuar. Quando a polícia assassinou George Floyd em 2020, milhões de negros saíram às ruas em protesto. Quando o Supremo Tribunal anulou o caso Roe v. Wade em 2022, que garantia o direito ao aborto sem restrições governamentais, milhões de mulheres organizaram-se para os referendos pró-escolha e para ajudar as mulheres a contornar as leis antiaborto. Em cada um desses

acontecimentos, milhões de outros trabalhadores juntaram-se aos protestos.

As greves sindicais, embora ainda não sejam políticas, têm um amplo apoio entre o resto da classe trabalhadora. O presidente do UAW (United Auto Workers), Shawn Fain, propôs que os sindicatos coordenassesem as datas de expiração dos seus contratos para maio de 2028. Quaisquer que sejam as intenções de Fain, uma greve geral seria um fim apropriado para a administração Trump. Uma greve na Stellantis sobre empregos e condições de trabalho hoje seria um começo promissor.



## APROFUNDANDO: O SISTEMA POLÍTICO DOS EUA

O sistema político americano é deliberadamente disfuncional. A separação de poderes, o sistema de pesos e contrapesos, o Colégio Eleitoral, o Senado, a *obstrução* legislativa<sup>2</sup>, a nomeação vitalícia dos juízes do Supremo Tribunal, os direitos dos Estados, a influência corruptiva do dinheiro na política, a porta giratória entre o governo e as empresas, os meios de comunicação corporativos e todos os outros aspectos antidemocráticos do sistema político americano significam que o governo só pode fazer o que a classe dominante determina que ele faça.

A esta estrutura junta-se o sistema bipartidário. Os Democratas e os Republicanos são partidos capitalistas. Dependem de donativos dos capitalistas e do reconhecimento dos meios

2. Atrasar o debate parlamentar para impedir a aprovação de um projeto de lei. Somente com 60% dos votos é que o debate pode ser encerrado e a votação efetuada.

capitalistas. Os seus principais políticos andam de um lado para o outro, entre o governo, o exército, os negócios e a academia. Se não são ricos quando entram na política, rapidamente se tornam ricos.

Existem diferenças entre os dois partidos capitalistas. Os Democratas são a favor de uma maior intervenção do Estado para promover o emprego, reduzir a pobreza e proteger o meio ambiente. São mais favoráveis aos direitos civis, aos direitos reprodutivos e aos direitos LGBTQ+. Favorecem o multilateralismo na política externa.

Os Republicanos defendem impostos mais baixos, menos regulamentação governamental, deixando as questões econômicas para o mercado e as questões políticas para os Estados. Têm uma ala isolacionista que quer uma política externa americana em primeiro lugar. Projetam uma



imagem de lei e ordem e reafirmam as virtudes do casamento, das famílias nucleares e da religião.

O sistema bipartidário reduz grande parte dessas diferenças à retórica. Os Democratas controlaram a presidência, a Câmara dos Representantes e o Senado em 1992, 2008 e 2020, e não mudaram nada de fundamental. Os Republicanos controlaram a Presidência, a Câmara dos Representantes e o Senado em 2000 e 2016 e não alteraram nada de fundamental. Nos outros anos, o governo esteve dividido e não conseguiu fazer grande coisa.

O resultado é uma alternância de governo a nível federal entre os dois partidos capitalistas, normalmente de oito em oito anos. Um partido faz promessas, energiza a sua base, é eleito, não cumpre as suas promessas, desilude a sua base e é derrotado, o que faz com que a responsabilidade passe para o outro partido. A alternância entre Democratas e Republicanos deixa os trabalhadores

presos numa busca interminável pelo *mal menor*.

O verdadeiro problema é a alternância dos males. Como escapamos dela?

## A NECESSIDADE DE UM PARTIDO OPERÁRIO DE MASSAS

Em 2024, tal como em anos anteriores, os eleitores progressistas viram-se numa posição difícil: deveriam votar em Harris para proteger o direito ao aborto, sabendo que ela apoia o genocídio de Israel? Ou deveriam recusar-se a consentir o genocídio e arriscar uma maior restrição do direito ao aborto? Não há saída para este dilema no quadro do sistema bipartidário.

O problema é mais geral. Os trabalhadores querem empregos, pensões, cuidados de saúde, educação, tempo para passar com os seus entes queridos e oportunidades para perseguir os seus interesses. A maior parte deles é a favor da igualdade de direitos e oportunidades. Querem um ambiente saudável.

Duvidam que estas coisas sejam possíveis, porque não as viram e os políticos e os meios dizem que são impossíveis. Procuram o que entendem ser o mal menor, pois não veem caminho para algo melhor.

No início dos anos 1990, os Promotores de um Partido Trabalhista (LPA) tinham uma palavra de ordem cativante: “*Os patrões têm dois partidos. Precisamos de um nosso*”. Este ponto de vista era partilhado pela maioria dos sindicalistas radicais e pelos dirigentes de alguns sindicatos, incluindo o Oil, Chemical and Atomic Workers Union (OCAW), o United Electrical Workers Union (UE), o International Longshoremen's and Warehouse Union (ILWU), o California Nurses Association (CNA) e outros.

Numa convenção realizada em junho de 1996, foi formado o Partido Trabalhista, dirigido por estes sindicatos. A convenção adoptou um programa social-democrata que, incoerentemente, não incluía o direito ao aborto. Uma convenção de 1998 corrigiu este fato.

O Partido Trabalhista adotou o que designou por “*novo modelo de organização da política*”. O modelo consistia em “*construir poder*” antes de o partido apresentar candidatos. Esta linguagem mascarava um compromisso em que os grandes sindicatos permitiam aos sindicatos da LPA um espaço inócuo para o Partido Trabalhista, desde que não apresentassem candidatos contra

os democratas. Sem um verdadeiro objetivo, o Partido Trabalhista depressa se enfraqueceu, dissolvendo-se em 2007.

Este padrão tem-se repetido outras vezes nos sindicatos, nos movimentos sociais e nas organizações políticas social-democratas, incluindo os Socialistas Democráticos da América (DSA), que se reergueram. Concedem ao Partido Democrata o monopólio da representação política. Os seus dirigentes afirmam que nada mais é possível. Isto torna os Democratas o *mal menor* contra os Republicanos, levando a maioria dos ativistas a entregarem seus votos. Uma profecia autocumprida.

## A NECESSIDADE DE UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO

A semente da verdade no modelo de *construir poder* antes de concorrer a um cargo público é que, não há forma de ganhar eleições nos EUA sem poder extraparlamentar. O poder dos capitalistas reside na sua riqueza e no controle que esta lhes confere sobre a vida política. Os partidos capitalistas gastaram 16 bilhões de dólares nas eleições de 2024, cerca de 5,5 bilhões só nas eleições presidenciais. Nem mesmo os sindicatos conseguem igualar este valor, sem falar das desvantagens de não controlar os meios de comunicação social e o governo.

A ação de massas poderia quebrar o impasse: construir sindicatos e outras organizações de massas, organizar mobilizações, greves e ocupações. Isto poderia criar uma situação em que os capitalistas teriam de escolher entre abandonar a democracia, com todos os riscos que isso implica, e implementar reformas eleitorais e outras que permitissem a um partido de trabalhadores competir efetivamente.

Os capitalistas não gostariam disso e poderiam primeiro tentar implementar medidas autoritárias. Mas em todos os outros países capitalistas avançados, os patrões aprenderam há muito tempo a viver com partidos operários burgueses, ou seja, partidos com uma base operária e uma política de tentar reformar o capitalismo através das reformas governamentais.

Os revolucionários deveriam apoiar até mesmo um partido reformista dos trabalhadores como um passo à frente para a classe trabalhadora americana. Mas propomos um programa de transição anticapitalista para o partido: um programa por

empregos, cuidados de saúde, educação, abolição da polícia e das prisões, direitos reprodutivos, direitos LGBTQ+, cortes drásticos nas despesas militares, paz e uma transição justa para a energia limpa, indústria, transportes, construção e agricultura; um programa que só um governo dos trabalhadores poderia implementar.

Propomos que o partido não se limite a concorrer às eleições, mas que mobilize os trabalhadores para enfrentar os capitalistas e o seu governo, para defender o movimento operário, para construir conselhos e outros órgãos do poder operário e da democracia operária, para estabelecer um governo operário.



Na Grã-Bretanha, no Canadá e em muitos outros países, o nível da luta de classes quando a classe trabalhadora alcançou representação política era demasiado baixo para que o partido dos trabalhadores fosse revolucionário por nascimento. Se fosse esse o caso nos EUA, os revolucionários encontrariam-se em terreno familiar para combater o reformismo.

As tarefas dos revolucionários continuam a ser fundamentalmente as mesmas que eram sob Biden e que teriam sido sob Harris: construir sindicatos e outras organizações de massas, com democracia e militância, dirigir lutas; expor o capitalismo, o imperialismo e o sistema bipartidário; resistir ao militarismo e à guerra, construir a solidariedade com a Palestina e todas as outras lutas contra a opressão, construir partidos de trabalhadores, partidos revolucionários e uma Internacional revolucionária. ☩

# ISRAEL, a escalada de um ESTADO GENOCIDA

POR KHALED ABDALLAH



**Com o genocídio em Gaza, a invasão do Líbano e os ataques ao Irã, Israel incendeia todo o Oriente Médio. Qual é o seu projeto estratégico? Que tipo de Estado? Qual é a solução para este massacre? Qual é o papel da população israelense? São estas as questões políticas que abordamos neste artigo.**

Desde 7 de outubro de 2023, Israel tem aprofundado o seu avanço genocida na região do Oriente Médio. Aproveitou a incursão do Hamas para lançar uma contraofensiva brutal. Durante meses, bombardeou Gaza e depois avançou no território. Efetuou ataques também na Cisjordânia. Em setembro, começou a bombardear o Líbano, incluindo Beirute. Antes disso, já tinha conduzido operações militares na Síria, no Iêmen e no Irã, aumentando os seus mísseis contra alvos persas desde outubro. Veremos o que acontece com o recente cessar-fogo de dois meses.

Tal como foi denunciado pelo Tribunal Penal Internacional, pela ONU e pelas suas comissões de inquérito e organismos de defesa dos direitos

humanos, Israel viola o direito humanitário internacional e as convenções de guerra<sup>1</sup>. Aplica *castigos coletivos* à população civil: bombardeia escolas, hospitais, padarias, mercados, mesquitas, infra-estruturas e caravanas de pessoas em fuga. Impede a entrada de alimentos, água, medicamentos, eletricidade e combustível. Os relatórios dos médicos sobre crianças feridas ou mortas por tiros na cabeça desmentem qualquer mentira de “mortes acidentais”.

Os ataques contra instalações humanitárias da ONU, da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, campos de refugiados e contra quartéis da UNIFIL<sup>2</sup>, os assassinatos de jornalistas, a utilização de fósforo branco e a humilhação e tortura de prisioneiros palestinos, incluindo ataques com cães e empalamentos, são todos crimes de guerra. Em novembro, tanto o Tribunal Penal Internacional como o Papa questionaram a prática de crimes de guerra, de *crimes contra a humanidade* e de um possível genocídio.

No dia 28 de outubro, o Parlamento israelense votou a proibição da Agência das Nações Unidas

para os Refugiados (UNRWA), cujos 233 funcionários foram mortos por Israel desde 2023. Em Gaza, a Agência fornecia ajuda alimentar, coordenava 183 escolas, 22 postos de saúde e 9 centros de atendimento a mulheres. O corte da atividade humanitária causa mais dezenas de milhares de mortes por fome, sede e doença.

## QUAL É O PROJETO ESTRATÉGICO DE ISRAEL?

O ministro das Finanças israelense, Bezalel Smotrich, lidera o Partido Sionista Religioso e considera-se um *fascista homofóbico*<sup>3</sup>. Segundo ele, “*de acordo com os textos bíblicos*”, o território de Israel deveria chegar até Damasco, capital da Síria. Por sua vez, o projeto do Grande Israel inclui a ocupação do Líbano, de quase toda a Síria, da Jordânia, de parte do Egito até ao Nilo, de parte do Iraque até ao Eufrates e do norte da Arábia Saudita.

Para agora, somente a ala mais ultra-sionista defende essa expansão. Mas desde a sua fundação, em 1948, o Estado de Israel invade cada vez mais território palestino e estabelece colonos em Gaza, Jerusalém Oriental e na Cisjordânia. Netanyahu há muito viola as fronteiras que ele mesmo aceitou. Em setembro de 2023, na Assembleia Geral da ONU, mostrou o seu mapa do *novo Oriente Médio*, sem a Palestina. No mesmo evento, apresentou dois outros mapas com títulos místicos: *a maldição* (Irã, Iraque, Síria, Líbano e noroeste do Iêmen<sup>4</sup>) e a *bênção* (Índia, Arábia Saudita, Egito, Sudão e Israel, o suposto corredor de progresso entre a Ásia e a Europa). Em ambos também não existe a Palestina.

Não está claro se Netanyahu pretende avançar sobre o sul do Líbano, como em 1978, 1982, 2000 e 2006, e depois ocupá-lo. Pelo contrário, pretende impor uma “zona tampão” até ao rio Litani, violando a soberania nacional libanesa, sem a presença do Hezbollah. O projeto de uma “Gaza sem Hamas”, sob controle militar israelense e com um governo palestino pseudo-fantoché, como o da Cisjordânia, é mais um passo na verdadeira estratégia sionista: fazer desaparecer a Palestina e anexar todos os seus territórios. Além disso, Israel já está construindo postos militares em dois corredores-chave da Faixa: Netzarim, que a atravessa ao meio, Filadélfia ou Saladino, em Rafah, na fronteira com o Egito.

Com uma cínica mentira: “como invadi violentamente quase toda sua casa, lhe isolando num pequeno quarto e, desde aí, resistes a minha

invasão, eu exerço o meu ‘direito à legítima defesa’ e ocupo também teu pequeno quarto, expulsando-te para o quintal... e assim roubo cada vez mais”. Esse expansionismo sem fim, que requer um estado de guerra permanente, é o ADN do Estado sionista.

O projeto de ocupação de Gaza por Israel provocou divisões internas, como a substituição do ministro da Defesa, Yoav Gallant, que defende a saída da Faixa de Gaza e a negociação de uma troca de prisioneiros com o Hamas. Gallant quer também incluir os judeus ultra-ortodoxos (*Haredi*), até agora isentos do serviço militar, uma ideia rejeitada pelos partidos religiosos aliados de Netanyahu.

## QUE TIPO DE ESTADO É ISRAEL?

No seu livro de 1896, *O Estado Judeu*, Theodor Herzl, o fundador do sionismo, diz o seguinte sobre a Palestina: “*Para a Europa, formaríamos ali um baluarte contra a Ásia; estariamos a serviço do avanço da cultura contra a barbarie*”<sup>6</sup>. Em 1897, o primeiro congresso sionista votou a favor da “*criação de um lar nacional para o povo judeu na*



*Palestina*”. Em 1905, o sétimo congresso reafirmou este projeto sob o lema “*uma terra sem povo para um povo sem terra*”.

Em 1917, antes da Palestina passar do Império Otomano para o Império Britânico, os britânicos, na *Declaração Balfour*, apoiaram o estabelecimento de “*um lar nacional para o povo judeu*”. Em 1947, com a Resolução nº 181, as Nações Unidas aprovaram um Plano de Partilha que dava luz verde ao genocídio. Assim, em 14 de maio de 1948, o sionismo fundou o Estado de Israel, à custa da destruição de 531 aldeias, do assassinato de 15 mil palestinianos e da expulsão de 750 mil, a catástrofe da *Nakba*.



A *Declaração de Independência de Israel* não estabelece fronteiras: diz apenas que o Estado está “preparado para cooperar com as Nações Unidas na implementação” do Plano de 1947. Promete também “plena igualdade de direitos políticos e sociais a todos os seus habitantes, sem distinção de credo, raça ou sexo” e oferece “paz e harmonia a todos os Estados vizinhos e aos seus habitantes”. O texto conclui com “a confiança na Rocha de Israel”, um conceito que para os laicos é a terra de Israel e para os religiosos é Deus<sup>7</sup>.

Em 1949, uma Assembleia Constituinte votou a redação de uma Constituição, mas esta nunca chegou a ser elaborada. Em vez disso, existem 14 Leis Básicas, que regulam o parlamento, o *Knesset*, a presidência, os ministros, a economia, as forças armadas, a justiça, a auditoria, o trabalho e o governo. A décima lei apela à “defesa da dignidade humana e da liberdade, para estabelecer os valores do Estado de Israel como um Estado judeu e democrático”<sup>8</sup>.

Outras leis vão mais longe. A segunda lei estabelece “a relação especial entre o Povo de Israel, a Terra de Israel e a sua redenção”. A sétima designa a totalidade de Jerusalém como capital. E a 13<sup>a</sup> impede efetivamente a devolução das Colinas de Golã, roubadas da Síria, e de Jerusalém Oriental, roubada da Palestina. Assim, com base no mito messiânico do *povo escolhido de Deus e da terra prometida*, consolidam a ideologia sionista e a usurpação de terras.

Em 2018, uma nova onda de reação reacionária fez surgir a Lei Básica n.º 14, a Lei do Estado-Nação. Reafirma Israel como a *pátria dos judeus*, ou seja, uma *teocracia*. Só aos judeus é reconhecido o direito à autodeterminação nacional, proibindo o regresso dos palestinos. Só torna oficial a língua

hebraica, desvalorizando o árabe e considera que as novas colonizações nos territórios invadidos têm *valor nacional*.

Sobre esta base jurídica do *colonialismo de colonização*, as leis consagram o supremacismo e o racismo judeu contra a população árabe-palestina original. A *lei do retorno* concede a residência ao imigrante judeu e nega-a ao refugiado palestino. A *lei da ausência* permite o roubo das casas dos palestinos expulsos e a *lei da terra* impede os palestinos ao arrendamento. A *lei da cidadania* nega a cidadania ao cônjuge de um israelense se este for originário do território palestiniano. Para os crimes de segurança, os judeus são julgados em tribunais civis, mas os palestinos são julgados em tribunais militares e podem ser presos a partir dos 12 anos de idade. O sistema educativo e midiático reproduz todos estes pilares ideológicos.

Esse *apartheid* anti-árabe é acompanhado por um crescente autoritarismo em Israel. A reforma judicial de Netanyahu, respondida com protestos em massa e parcialmente aprovada em julho de 2023, confere ao poder político uma maior influência na seleção dos juízes do Supremo Tribunal. O Supremo Tribunal<sup>9</sup> anulou o capítulo que o impedia de rever decretos e leis. A crise política que se abriu, mais tarde aprofundada pela guerra, ainda fervilhando.

Para além do fato de não existir casamento civil mas apenas casamento religioso, os direitos das mulheres e das pessoas LGBT+ estão em risco. Os partidos governamentais do chamado *sionismo religioso* querem continuar separando as escolas em função do gênero, legalizar as “terapias de conversão”, limitar a lei anti-discriminação e proibir a adoção por casais do mesmo sexo.

Quanto à liberdade de imprensa, desde 7 de outubro que o Governo persegue os jornalistas da oposição, aumenta o controle sobre as redes sociais e, em maio último, encerrou o canal árabe Al Jazeera. Para piorar a situação, segundo a imprensa israelense, 87% das pessoas são a favor da censura das notícias pró-palestinas e 72% são a favor da censura de imagens ou vídeos explícitos sobre a guerra<sup>10</sup>.

Outra característica essencial distingue o Estado sionista: o apoio dos EUA, pois Israel é o gendarme deste imperialismo no Oriente Médio. Por exemplo, desde 1948, os EUA vetaram mais de 40 resoluções da ONU contrárias a Israel. E “de acordo com dados dos Departamentos de Defesa e de Estado, de 1951 a 2022, a ajuda militar dos EUA a Israel cresceu para 225,2 milhões de dólares”<sup>11</sup>. Ou

seja, cerca de 3,2 mil milhões de dólares por ano, destinados à compra de armas pelos EUA e ao investimento na indústria bélica israelense, não reembolsável. Outros estimam uma média anual de 4,4 mil milhões de dólares<sup>12</sup>. No ano que se seguiu ao 7-O, Israel recebeu 17,9 mil milhões.

Para além de teocrático, o Estado de Israel é um enclave pró-imperialista, colonialista, expansionista, racista e genocida, caraterísticas que o tornam muito semelhante a um Estado de tipo fascista.

## O QUE FAZER COM O ESTADO SIONISTA?

A política burguesa e reformista de ter como solução a coexistência de *dois Estados*, um judeu e outro palestiniano, já provou o seu total fracasso há 76 anos. Ninguém pode coexistir com um Estado assassino em série. É por isso que as capitulações da OLP antes, em Oslo, e do Hamas agora, em Pequim, que reconhecem o Estado de Israel são graves. Ao mesmo tempo, é utópico o centrismo de parte da esquerda que propõe um *Estado binacional* ou *dois Estados socialistas*, nada mais que um eufemismo para esconder a aceitação do Estado de Israel.

A única saída estratégica para uma paz justa e duradoura é o desmantelamento e a abolição do Estado sionista e a substituição deste por uma Palestina única, democrática, laica e socialista, no caminho para uma Federação das Repúblicas Socialistas do Oriente Médio, onde todos os povos, culturas e religiões possam viver juntos em paz.

Para evitar confusões, quando dizemos *desmantelamento, abolição ou destruição*, nos referimos ao Estado sionista e às suas instituições no sentido leninista: “*aparelho de governo, separado da sociedade humana*”<sup>13</sup>. Ou seja, desmantelar as forças armadas, a polícia, os serviços secretos e outras superestruturas de opressão colonialista como condição para a libertação nacional e social genuína na região.

## QUE PAPEL DESEMPEENHA A POPULAÇÃO ISRAELENSE?

Um debate aberto entre as correntes marxistas sobre o Oriente Médio é o de saber se o processo revolucionário na região dependerá do nível de consciência e de mobilização das massas palestinas e árabes ou, em igual medida, da população



israelense. Embora haja sempre uma certa combinação, por razões materiais e ideológicas, o protagonismo essencial cabe à classe operária, à juventude e aos setores populares árabes.

Na disputa política, a extrema direita sionista cresceu desde 2009. No final de 2022, Netanyahu, chefe do Likud, ganhou as eleições, aliado a seis partidos religiosos extremistas. Ao mesmo tempo,

### Alguns dados

- 75% dos 9,7 milhões de habitantes são judeus. Destes, mais de 2/3 são imigrantes ou seus filhos, principalmente da Rússia, Marrocos e Ucrânia, com um nível de vida melhor do que nos países de origem.
- Cerca de 10% da população total são colonos que vivem nos territórios palestinos ocupados. E 8% são Haredi - colonos ou não - que se dedicam ao estudo da Bíblia e vivem de ajudas estatais.
- 34% da classe trabalhadora está no setor público. 18% do emprego industrial se localiza no setor do armamento e da segurança, que está efetivamente proibido aos israelenses árabes.
- O serviço militar é o mais longo do mundo: 3 anos aos homens e 2 anos para as mulheres. É o Estado mais militarizado do mundo: 4% da população adulta está no exército (180 mil membros), na polícia (32 mil), na guarda civil (70 mil) ou nos serviços secretos Shabak (interno, 5 mil) e Mossad (externo, 7 mil).

o sionismo liberal e reformista está em declínio. Segundo um jornalista francês especializado no Oriente Médio, 64% da população já apoiava a segregação dos palestinos, outro terço “prefere fechar os olhos e aceitar tacitamente os crimes que são descobertos” e apenas menos de 5% se opõe<sup>14</sup>.

Matzpen (bússola em hebraico), uma organização marxista e anti-sionista israelense ativa entre 1962 e 1983, analisou a influência imperialista: “*Israel é um caso único no Oriente Médio; é financiado pelo imperialismo sem ser explorado economicamente... O entrada de recursos teve um efeito decisivo na dinâmica da sociedade israelense, uma vez que a classe trabalhadora participou, direta e indiretamente, nesta transfusão de capital.... O trabalhador judeu em Israel não recebe a sua parte em dinheiro, mas em termos de habitações novas e relativamente baratas, que não poderiam ter sido construídas através da angariação de capital local; recebe-a em emprego industrial, que não poderia ter sido iniciado e mantido sem os subsídios externos; e recebe-a em termos de um nível de vida geral que não corresponde ao produto dessa sociedade*”.



É por isso que Matzpen concluiu que “embora existam conflitos de classe na sociedade israelense, são limitados ao fato de toda a sociedade ser subsidiada a partir do exterior. Esse estatuto privilegiado está relacionado com o papel de Israel na região e, enquanto esse papel se mantiver, há poucas perspectivas de que os conflitos sociais internos adquiram um caráter revolucionário... enquanto o sionismo for política e ideologicamente dominante nessa sociedade e constituir o quadro político aceito, não há qualquer possibilidade de a classe operária israelense se tornar uma classe revolucionária” e

*propõe então que “a atividade da classe operária israelense deve estar subordinada à estratégia geral da luta contra o sionismo”*<sup>15</sup>.

Como a existência condiciona sempre a consciência, a maior parte dos trabalhadores e dos jovens israelenses são sionistas devido a um interesse material concreto: o seu acesso à terra e à habitação, roubadas dos palestinos, bem como aos estudos, ao emprego e a um bom nível de vida, graças aos subsídios dos Estados Unidos, o que explica que os setores anti-sionistas sejam muito minoritários em Israel, hoje ainda mais limitados pelo clima belicista dominante. A única maneira dos setores progressistas romperem com a ideologia sionista é por um levante revolucionário na região. Uma nova Primavera Árabe que tenha impacto na população israelense e nos países vizinhos. A LIS atua com essa perspectiva. ☀

1. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2024/11/1534126>
2. Força Interina da ONU no Líbano (UNIFIL), desde 1978. Atualmente, conta com cerca de 10 mil soldados.
3. O Ministro das Finanças de Israel, de extrema direita, se afirma “*um fascista homofóbico*” mas “não quer apedrejar gays”. jornal *Haaretz*, 16/1/2023.
4. Região sob controle dos rebeldes Houthis, um movimento xiita pró-palestino apoiado pelo Irã.
5. Os Emirados Árabes Unidos propõem outra opção para Gaza: que seja administrada por uma força multinacional.
6. Theodor Herzl. *O Estado judeu*. p. 46.
7. Extraído da *Torah* ou Antigo Testamento (Samuel II, 23:3).
8. As 14 *Leis Básicas de Israel*. CIE Center for Israel Education.
9. Apesar de sionista, o tribunal israelense pronunciou-se contra a aplicação legal da tortura aos prisioneiros palestinos e a favor da concessão de um estatuto eleitoral aos partidos árabes que não ameaçam o Estado de Israel. Netanyahu quer anular esta relativa independência judicial.
10. A maioria dos israelenses apoia a censura das publicações nas redes sociais sobre a guerra de Gaza, expondo a divisão entre judeus e árabes, de acordo com uma pesquisa do jornal *Haaretz*, 5/9/2024.
11. *Porque o apoio dos EUA a Israel é “incondicional e inabalável”*. BBC News, 17/10/2023.
12. *Como os EUA ampliaram o apoio militar a Israel, o seu maior aliado no Oriente Médio*. Agência Anadolu, 26/2/2024.
13. Vladimir Lenin. Palestra na Universidade de Sverdlov, 11/7/1919.
14. Sylvain Cypel. *La memoria selectiva de la sociedad israelí*. Revista *Nueva Sociedad* n.º 302, novembro-dezembro de 2022.
15. *O carácter de classe da sociedade israelense*. 2/10/1972. Disponível em: [matzpen.org](http://matzpen.org).

# Ontem em OSLO, hoje em PEQUIM

POR PABLO VASCO

Em 23 de julho, em Pequim, os dirigentes de 14 organizações palestinas - incluindo o Hamas, a OLP e a FPLP - assinaram um acordo político<sup>1</sup>. Participaram também dirigentes da Rússia, da Turquia, de vários países árabes e do Hezbollah. A declaração assinada é uma capitulação política dos líderes nacionalistas palestinos que até agora não reconheciam o Estado de Israel, como o Hamas, a FPLP e a Jihad Islâmica.

O acordo político declara “conformidade com as resoluções pertinentes das Nações Unidas, nomeadamente a Resolução nº 181 (partilha da Palestina em dois Estados; de 1947)<sup>2</sup>. Assim, embora algumas destas organizações combatam as forças israelenses, aceitam a norma que permitiu a fundação do Estado sionista.

Trata-se de uma nova versão dos Acordos de Oslo I (1993) e II (1995), em que, sob a direção dos EUA, a OLP reconheceu Israel. Esta traição histórica enfraqueceu a OLP entre a vanguarda e as massas palestinianas, com o Hamas ocupando seu lugar... que cai agora na mesma armadilha.

Reconhecer o Estado sionista significa atravessar barreiras que as organizações armadas palestinas consideravam anteriormente intransponíveis<sup>3</sup>. Por exemplo, embora na nova carta fundadora de 2017 o Hamas já aceitasse as fronteiras de 1967, ou seja, dois Estados, no ponto 18 continuava a defender que “a resolução da ONU sobre a partilha da Palestina é considerada nula e sem efeito”. Agora, muito diferente, aceitou a partilha.

Esta aceitação, associada ao forte apoio dos EUA a Israel, ao agravamento da crise no Líbano, às limitações do Hezbollah e à resposta militar quase inócuas do Irã, encorajou Netanyahu a redobrar a sua ofensiva.

## AO LADO DA RESISTÊNCIA, COM UMA POLÍTICA DIFERENTE

Como reconhece o escritor palestiniano Munir



Shafik, antigo maoísta e mais tarde islamista, “o primeiro e mais importante aspecto negativo da Declaração de Pequim, assinada pelos vários atores políticos palestinos, é o fato de inserir todas as facções da resistência, principalmente o Hamas e a Jihad, sob a égide da exigência de aplicação das resoluções internacionais. Estas resoluções, desde a sua primeira Resolução nº 181 de 1947, que dividiu a Palestina em dois Estados: judeu e árabe, têm sido uma injustiça para os palestinos e uma dádiva aos colonos judeus que entraram ilegalmente na Palestina sob as baionetas do colonialismo britânico”.

“Os palestinos são obrigados internacionalmente, e agora pela China e pela Rússia, a reconhecer e a aplicar todas as resoluções internacionais que, da primeira à última, são injustas para os direitos dos palestinos na Palestina, enquanto a entidade sionista não é obrigada a reconhecer essas resoluções nem a aplicar nenhuma delas. A ‘legitimidade’ da sua existência ilegal foi e é baseada na Resolução nº 181 de 1947... Estamos perante uma repetição do erro das facções da OLP quando fez a mesma concessão, sem qualquer compensação.”<sup>4</sup>

Desde a incursão em Israel, em 7 de outubro de 2023, o Hamas apoiou-se no apoio do Hezbollah, que era insuficiente. O Hezbollah, por sua vez,

1. (Fatah), Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP), Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), Movimento de Resistência Islâmica (Hamas), Movimento da Jihad Islâmica, Partido Popular da Palestina, Frente Palestina de Luta Popular, Iniciativa Nacional Palestina, Comando Geral da Frente Popular, União Democrática Palestina (FIDA), Frente de Libertação da Palestina, Frente Árabe de Libertação, Frente Árabe Palestina, Vanguarda da Guerra de Libertação Popular (Al-Saiqa).

2. Texto integral do acordo entre os movimentos palestinos. Agencia Pressenza, 26/7/2024.

3. Disponível em: <https://www.middleeasteye.net/news/hamas-2017-document-full>

4. Sobre a Declaração de Pequim. 29/7/2024. Disponível em: [arabi21.com](http://arabi21.com)



esperava o apoio militar do Irã, que era decisivo por ser um Estado, mas que não existiu. A seção da LIS no Líbano destacou como Israel aproveitou esta moderação do Irã para contra-atacar. A capitulação política equivale a lutar de mãos atadas. É por isso que existe algum descontentamento entre as bases de ambas as organizações<sup>6</sup>. Por exemplo, apesar dos ataques de mísseis iranianos em abril em resposta a Israel, as próprias sondagens palestinas reconhecem que “a maioria dos palestinos vê este ataque como um espetáculo ou uma peça de teatro e não como uma determinação iraniana em apoiar os palestinos”.

Contra o agressor sionista, estamos nas trincheiras de todas as formas de resistência popular palestina e libanesa, e reconhecemos a coragem dos seus combatentes. Embora isso não implique em apoiar politicamente o Hamas, o Hezbollah ou o Irã. Mantemos uma total independência política e criticamos as suas ações, o seu projeto capitalista e islamista equivocado e a capitulação que a Declaração de Pequim significa.

## CHINA E RÚSSIA, FUNCIONAIS PARA ISRAEL

Sob uma retórica diferente dos EUA, a Rússia e a China mantêm uma atitude permissiva em relação ao genocídio israelense na Palestina e no Líbano. Contrariamente ao campo que vê as duas potências como progressistas, a realidade expõe o seu papel negativo no Oriente Médio e na cena internacional.

Nem a China nem a Rússia se associaram à queixa apresentada pela África do Sul no Tribunal de Haia contra o Estado sionista de Israel por genocídio, nem cortaram relações com este país, nem sequer retiraram os seus embaixadores.

A China, que em março de 2023 conseguiu aproximar a Arábia Saudita e o Irã, e que mantém um comércio mútuo muito bom com os Emirados Árabes Unidos, foi agora instrumental na capi-

tulação das facções palestinas em relação a Israel através da Declaração de Pequim.

A China tem investimentos significativos em Israel, particularmente em infraestruturas e tecnologia, e manteve esses investimentos durante todo o conflito. Será que quer evitar o risco de prejudicar os seus negócios em Israel alinhando-se mais com Teerã?

Como bem pergunta Munir Shafik, “*o papel da China limita-se apenas ao lado palestino, o que fará a China com os seus acordos econômicos, técnicos e militares com a entidade sionista, ouviremos uma posição equilibrada que imponha pelo menos algumas das propostas dos palestinos na Declaração de Pequim, por exemplo, que reconheça as resoluções internacionais, ou que pare imediatamente a agressão, ou que sejam tomadas medidas para limitar o enorme nível de acordos de cooperação com a entidade sionista?*”<sup>7</sup> A resposta é óbvia.

A Rússia não age de forma muito diferente. Numa palestra para estudantes e professores da Universidade Estatal de Relações Internacionais de Moscou (MGIMO), em setembro passado, o Ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Sergey Lavrov, explicou: “*Temos afirmado repetidamente que garantir a segurança de Israel é um dos pilares da nossa posição nos assuntos do Oriente Médio. Mas há também interesses palestinos. Em 1948, foi decidido criar dois Estados: um Estado judeu e um Estado árabe. O Estado judeu foi criado de imediato. O nosso país foi o primeiro a reconhecer Israel. No entanto, o Estado palestino não foi criado. Além disso, o território previsto na altura para o futuro Estado palestino foi significativamente reduzido em 1967*”<sup>8</sup>. Mesmo assim, a Rússia deixa Israel governar.

Ou seja, de progressistas, zero.

5.. Do Líbano, Ali Hammoud: a escolha para o povo palestiniano é crítica. 3/9/2024. Disponível em: lis-isrl.org

6. Centro Palestino de Pesquisas de Políticas e Pesquisas de Opinião. Relatório de julho de 2024. Dados de junho, p. 6. Disponível em: pcpsr.org

7. Sobre a Declaração de Pequim. 29/7/2024. Disponível em: arabi21.com

8. Disponível em: https://mid.ru/es/maps/il/1967598/

POR PABLO VASCO



**Entrevistamos o camarada Ali Hammoud, dirigente da seção libanesa da LIS, sobre os acontecimentos atuais no país e no Oriente Médio**



Juventude libanesa na resistência e solidariedade.

**Que assistência aos refugiados a organização realiza em Beirute? Quantos ativistas reuniu durante a campanha?**

Após o 7 de outubro e o lançamento da frente de apoio diretamente do Líbano, ficou evidente que a situação iria evoluir numa guerra de grandes proporções, então começamos a nos preparar: prestamos socorro, assistência social e formação em primeiros socorros aos feridos com organizações de saúde e a Cruz Vermelha.

Atualmente, o trabalho dos camaradas consiste em garantir o alojamento aos desalojados, coordenando vários centros de recolhimento de materiais de socorro e de abrigo e fornecer o necessário para a manutenção da vida cotidiana. Isto inclui o fornecimento de alimentos, bebidas, aquecimento, higiene e coordenação com várias organizações de saúde libanesas e internacionais. A União Geral dos Estudantes também trabalha para garantir que os estudantes deslocados de seus locais obtenham seus direitos à educação.

Para além da nossa presença nos centros de deslocados em todas as regiões libanesas, desde Akkar, Hama, passando por Bekaa, Monte Líbano e Beirute, até Sidon, estamos tentando reconstruir tudo do zero, mesmo com o cerco e o bloqueio impostos ao Líbano. Sobre a alimentação, para além das cozinhas existentes,

estamos preparando um projeto agrícola que começou a tornar-se realidade. De vestuários, para além das doações, iniciamos uma oficina de costura onde pessoas deslocadas trabalham e a experiência será generalizada para outras regiões onde estamos presentes. Na saúde, até agora abrimos duas clínicas, uma em Beirute e outra no Monte Líbano, com a pretensão de ampliá-las a outras regiões. Os estudantes de ciências estão trabalhando num projeto de produção de energia. Tudo isso acontece com a preparação de movimentos relacionados com a luta pela elevação da cultura de resistência popular.

Os camaradas envolvidos na campanha de ajuda estão divididos em duas partes, a primeira no grupo “Para o Povo” e a segunda, na União dos Estudantes. Os camaradas do primeiro grupo têm um trabalho limitado em várias áreas de Metn, a leste de Beirute, composto por 40 voluntários, com 8 coordenadores. Os camaradas da União dos Estudantes trabalham em três zonas de Choueifat, Beirute e Trípoli, com cerca de 100 e 30 coordenadores.

**Qual é a situação dos combates contra as forças israelenses?**

O inimigo continua a sua guerra contra o povo libanês, dramaticamente intensificada desde 17 de se-

tembro até hoje, com o número de assassinados em cerca de 3.200 pessoas e dezenas de desaparecidos. O número de feridos ultrapassou os 15 mil, e registraram-se 55 ataques a hospitais, incluindo 36 ataques diretos, que levaram à interrupção total das atividades em 8 deles e à interrupção parcial das atividades em 7 hospitais. Registaram-se 201 ataques contra serviços de emergência e a destruição de cerca de 40 mil casas em Beirute, no sul e no vale de Bekaa.

A operação terrestre que o exército inimigo lançou na fronteira sul continua parada nas aldeias da linha de frente. O inimigo só conseguiu penetrar de 1 a 3 km, ocupando e criando armadilhas em 37 aldeias ao longo da fronteira, destruindo-as quase completamente. Mas até agora não conseguiu avançar mais, e o curso da operação militar sugere um estado de impasse devido à resposta firme dos combatentes do Hezbollah, que foram capazes de absorver os pesados ataques que receberam e começaram a elevar o nível das suas forças em combate, tanto defensiva como ofensivamente, através de mísseis de precisão e drones.

Em conclusão, a guerra continua. Israel está bloqueando todo o transporte aéreo de ajuda ao Líbano. Mas a força aérea do inimigo não pode resolver a guerra e os combates terrestres na fronteira determinarão quem será vitorioso e quem será derrotado.

### **Qual sua opinião sobre a Declaração de Pequim, em que o Hamas e outras facções palestinas aceitaram a Resolução nº 181 da ONU e, consequentemente, a Israel?**

A Declaração de Pequim foi celebrada entre o Hamas e o Fatah. A conferência contou com a participação de um total de 14 facções palestinas e constitui o 13º acordo entre as duas partes, uma vez que existem outros 12 acordos anteriores e que não foram aplicadas. Foi uma tentativa da China de sublinhar o seu novo papel diplomático na região através da reconciliação entre as facções para acabar com a divisão e unificar a posição palestina nas negociações para chegar a um cessar-fogo contra a guerra de extermínio levada a cabo pela entidade inimiga.

Nesta fase da história da questão palestina, com a ameaça de expulsão da população de Gaza para o Sinai e a intenção do inimigo de controlar a Cisjordânia, torna-se urgente acabar com o atual fraturamento da Palestina. Surge a necessidade de enfrentar o projeto sionista e, a partir disto, apoiamos qualquer tentativa de acabar com a divisão interna ou internacional. Mas a essência da disputa entre os dois movimentos palestinos permanece a mesma, especialmente no que diz respeito às diferenças de programas políticos e condições para o

Hamas se juntar à OLP e ao governo de consenso nacional para administrar Gaza depois da guerra.

Quanto ao reconhecimento do inimigo por parte do Hamas, trata-se de uma questão ambígua. Posso destacar que o Hamas tem várias facções e cada movimento tem um apoio regional e uma orientação política. O movimento apoiado pelo Qatar e pela Turquia tem uma orientação menos radical do que a posição da ala militar e de segurança, apoiada pelo Irã. Há sempre declarações contraditórias: a mais recente foi em 2023, quando o seu líder Mustafa Abu Marzouk anunciou ao *Al-Monitor* que a organização estava pronta para aderir à OLP, respeitando os seus compromissos. Depois, arrependeu-se da posição e anunciou que não reconhece a ocupação.

Nos termos do Acordo de Pequim, também vemos esta contradição: uma ênfase na obtenção da unidade nacional palestina que inclui “*todas as forças no âmbito da OLP*” e o compromisso de estabelecer um Estado palestino independente, com Jerusalém de capital em “*acordo com as resoluções da ONU*”, afirmado o direito do povo palestino de resistir e por fim à invasão.

A nossa posição é objetiva: a Palestina, do mar ao rio, pertence ao povo palestino. Mas neste momento crucial do conflito, face à posição sempre ambígua do Hamas, a prioridade máxima é parar a agressão. Como sempre afirmamos, a direção da resistência esperava uma resposta dura do governo iraniano, mas foi traída. A “unidade dos campos” contra os ataques de Israel foi uma grande mentira. Por isso, a posição palestina ficou enfraquecida e, posteriormente, a ofensiva sionista se estendeu ao Líbano. Atualmente, estamos tentando um acordo definitivo para encerrar o genocídio em curso e as expulsões de Gaza.

### **E sobre a interferência estrangeira no Líbano?**

É preciso entender que os atores ativos no Líbano e em toda a região são os estadunidenses, israelenses e iraniano; em seguida, os russos, que têm grande influência na Síria; depois, os chineses, que começaram a consolidar a sua presença, após patrocinarem a reconciliação saudita-iraniana. Quanto ao papel dos franceses, a sua influência é limitada e todas as suas conferências ou iniciativas são tentativas incompletas de restabelecer uma presença e uma influência perdida.

Em 24 de outubro, a França organizou uma conferência internacional com o objetivo de apoiar os esforços de trégua no Líbano, apoiar financeiramente o exército libanês, afirmar a Resolução 1701 e eleger um presidente da república. O enviado francês, Jean-Yves Le Drian, tentou durante todo o ano passado convencer os libaneses a elegerem um presidente e reconstruir uma

vida constitucional no país, mas sem sucesso. Qualquer força política local faria uma concessão ao partido francês, que é ineficaz e incapaz de forçar a sua aceitação de um acordo. Os Estados Unidos também tentaram um plano de ingerência internacional, também rejeitado pelo Líbano, até o momento em que o acordo foi assinado há dois meses.

### Qual é a sua avaliação do cessar-fogo?

Estamos numa trégua muito frágil e as probabilidades de retorno dos combates são elevadas, especialmente agora que o inimigo criou ilegalmente postos de controle nas aldeias próximas da fronteira e entra em confronto com os civis que tentam regressar às suas aldeias. Por exemplo, numa das aldeias invadidas, seis civis foram mortos e quatro foram presos.

Nem todas as guerras terminam em vitória, mas a maioria termina com um ajustamento no equilíbrio de poderes ou marcando pontos para um lado, no lugar do outro. Vemos que o inimigo conseguiu melhorar e reforçar as suas posições, forçando a separação da área libanesa com a área palestina, o único lugar onde a política de “unir os campos” foi concretizada, longe da hipocrisia iraniana. Conseguiu, assim, forçar a retirada do poder militar do Hezbollah para atrás do rio Litani, mas não conseguiu alcançar o mais importante: a ocupação de todas as aldeias ao sul do Litani e a destruição das instalações militares na região.

### Como conquistar a derrota do Estado sionista pelas lutas dos povos árabes?

Esta é uma das questões mais difíceis que a nossa sociedade árabe enfrenta e a resposta demorará muito tempo para ser entendida. Tentarei, na medida do possível, apresentar a nossa visão de uma forma concisa.

Para começar, devemos salientar que a proposta de libertação da Palestina é uma proposta estratégica. É nosso dever explicar às massas, de forma inequívoca e sem enganos, que se trata de uma posição estratégica, contrária ao que é apresentado como uma posição meramente *tática e imediata*, pelos partidos políticos do Islã, porque isso contribui para dar às massas uma falsa consciência da natureza do conflito, conduzindo a seu retrocesso.

O perigo da palavra de ordem de libertação da Palestina limitada a uma *tática* podem influenciar nos sentimentos de desespero das massas árabes em geral e, dos palestinos, em particular, especialmente quando os desejos das massas encontram um novo momento na batalha contra o colonialismo sionista.

Para nós, a questão não é somente a criação de um Estado palestino, mas o fim de Israel, uma entidade

colonialista que tenta eliminar um povo para colocar outro; uma entidade que foi implantada pelo imperialismo no coração do mundo árabe, dilacerando-o e impedindo-o de completar a sua unidade e construir o seu socialismo.

Eliminar a entidade significa a libertação total e o estabelecimento de um Estado palestino onde vivam todos os residentes do território ocupado, garantindo o direito de regresso dos refugiados palestinos e os direitos de todas as religiões e etnias.

A entidade inimiga é uma base avançada do imperialismo, que garante os seus interesses na região e a nossa posição sobre a libertação da Palestina é a posição sobre a libertação árabe de conjunto. Os avanços na luta internacional contra o imperialismo pode modificar o equilíbrio do poder internacional, o que levará a parar ou alterar o apoio militar, econômico e de segurança absoluto do Ocidente para Israel.

Com base em Clausewitz, Lenin afirma que “*a guerra é um teste a todos os poderes da nação, incluindo o poder econômico, organizacional e militar, uma vez que o poder do punho depende da saúde e vitalidade do corpo político e da sociedade como um todo*”<sup>1</sup>. O elemento mais importante para enfrentar a entidade ocupante é modificar o atraso e a fragmentação árabe. O que se entende por atraso nas estruturas sociais e econômicas do colonialismo feudal e do capitalismo comprador, a fragmentação estrutural e a divisão das entidades.

Após o Egito ter abandonado a luta contra o inimigo e assinado a paz - especialmente com o que representa como força militar, econômica e popular - tornou-se muito difícil derrotar militarmente o inimigo numa guerra convencional. A guerra de 1982 foi um exemplo disso. O exército sírio e as forças militares libanesas foram derrotados e o inimigo não foi verdadeiramente repelido, exceto nas fronteiras de Beirute. Por conseguinte, as experiências da história deram-nos uma lição sobre a forma de combatê-lo. O confronto deve assumir várias formas, a mais importante, sitiar o inimigo com um cordão de isolamento dos países árabes e no interior da Palestina, com grupos populares armados com o projeto de libertação nacional, reincorporando também o Egito e a Jordânia na luta. Esgotando o inimigo, isolando-o do oceano.

Como me referi, a libertação da Palestina está ligada a importantes mudanças regionais e globais, e o nosso papel, enquanto comunistas, na luta foi, é e continuará sendo apoiar a Palestina e o seu povo, e no Líbano nós, comunistas, continuaremos a ser o que somos: lutadores contra o sionismo.

1. Citado pelo marxista sírio Yassin Al-Hafiz, no seu livro *A Derrota e a Ideologia Derrotada*.

# LÍBANO: passado e presente de um Povo Combativo

POR VIKI CALDERA



**A República do Líbano voltou às manchetes, primeiro por causa da explosão no porto da capital Beirute, agora pelos ataques israelenses. Excluindo as duas situações, o que conhecemos sobre a fascinante história do Líbano? Respondemos aqui.**

O Líbano é um pequeno território de riquezas, histórias e belezas incomparáveis. Com uma população de 7 milhões de habitantes, onde quase 10% são refugiados palestinos, sobrevive à pilhagem e ao cerco que marcam a sua realidade. Tal como o Cedro-do-líbano, a árvore que finca as suas raízes nas rochas porosas, sobrevivendo nas condições mais adversas, o seu povo é igualmente resistente. Aqui faremos uma breve retrospectiva da sua história e seu presente.

## TESTEMUNHA DOS PRIMEIROS PASSOS DA HUMANIDADE

Não é fácil resumir a rica história libanesa. Basta dizer que os primeiros registos humanos

encontrados no país datam de 45 mil anos atrás. A localização estratégica deste território, que liga três continentes - Europa, Ásia e África - faz dele uma testemunha privilegiada do desenvolvimento da humanidade. O Líbano é o berço da civilização fenícia e pioneiro na agricultura, na criação pastoril e na escrita.

Cidades como Beirute, Tiro, Byblos e Sidon foram fundadas ainda no terceiro milênio a.C. e abrigam um patrimônio histórico de valor incalculável. Os povos destas cidades e os da atual Síria seriam designados pelos antigos gregos como *fenícios*, derivado de *feinix*, um corante púrpura que comercializavam.

Desde a fundação destas cidades, entre 2500 e 332 a.C., ocorreram diferentes disputas e colonizações: egípcios, hititas, arameus e babilônicos ocuparam a região em diferentes momentos, até que Alexandre Magno tomou Tiro e avançou para a região. O Império Romano também já ocupou o Líbano, tudo isso, antes de Cristo. Em 312 d.C., o Imperador Constantino converteu-se ao cristianismo e, a partir daí, esta

religião adentrou no Líbano.

Em seguida, em 638 d.C., os muçulmanos tomaram o poder em toda a região e seguiram-se lutas ferozes entre diferentes dinastias até 1516, data em que a Grande Síria - incluindo a Palestina e o Líbano - foi conquistada pelos turcos otomanos, que a governaram por mais de 400 anos.

## O CAPITALISMO TROUXE MAIS DIFICULDADES

No século XIX, um forte movimento nacionalista cresceu no Líbano para lutar pela libertação do Império Otomano. As potências imperialistas europeias aproveitaram essa energia pró-independência para fazer com que esses povos lutassem na Primeira Guerra Mundial, unidos aos seus interesses com a promessa de criar um Estado árabe independente, o que nunca aconteceu. Ao contrário, quando as potências colonialistas saíram vitoriosas, tomaram o lugar do Império Otomano.

Em 1916, a Grã-Bretanha e a França assinaram o Acordo Sykes-Picot, que definia a divisão do Oriente Médio no caso de vitória sobre os otomanos. As promessas feitas aos árabes de lutarem ao seu lado foram ignoradas nas negociações. Assim, no final da Primeira Guerra Mundial, os árabes elegeram um Congresso Nacional para estabelecer o princípio da soberania na região, mas o seu destino já tinha sido decidido por outros: a França e a Grã-Bretanha reclamaram à Liga das Nações, (anterior à ONU), os acordos secretos de 1916 e, finalmente, em 1920, foram estabelecidos um mandato francês sobre o Líbano e a Síria e um mandato britânico sobre o Iraque e a Palestina. As fronteiras artificiais, impostas por este acordo aos povos árabes, deram origem à grande parte dos conflitos e sofrimentos da região.

## MANDATO FRANCÊS, GUERRA E INDEPENDÊNCIA

Tal como estabelecido no artigo 22º do Tratado de Versalhes, os mandatos eram territórios que tinham pertencido às potências vencidas: Alemanha e Império Otomano, deviam ser administrados pelos vencedores: Grã-Bretanha e França. Estes territórios eram de três tipos: 1) aqueles onde nível de desenvolvimento era considerado possível de se tornar independente; 2) aqueles com pouco desenvolvimento e com conflitos internos; 3) territórios distantes da Europa.

O Líbano foi considerado um mandato de tipo 1, mas a sua independência, prometida pela

França em 1936, só se concretizou após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1941, após a queda da França pela Alemanha, a Grã-Bretanha ocupou o Líbano e a Síria na Operação Exportador. Em 1943, o Líbano declarou a independência, mas os franceses a rejeitaram, prendendo o Presidente e os membros do Governo. Mas o poder francês estava muito enfraquecido e teve de engolir a independência libanesa. Em 1946, as últimas tropas francesas retiraram-se do país.

## UM REGIME POLÍTICO ÚNICO

A independência é declarada através de um compromisso - denominado pacto nacional - entre cristãos e muçulmanos: os cristãos aceitam que o Líbano seja um país árabe, enquanto os muçulmanos renunciam às suas pretensões de unificação com a Síria. É estabelecida uma única forma de governo: uma república parlamentar confessional. Ou seja, o parlamento elege um presidente cristão maronita, um primeiro-ministro muçulmano sunita e o presidente do parlamento deve ser xiita. A base do governo é o recenseamento de 1932, em que a maioria da população era maronita. Mais de 90 anos depois, a proporção mudou e os muçulmanos representam atualmente 60% da população, mas os governos recusam-se a fazer um novo censo. Desde 1989, a composição do Parlamento também se baseia na filiação religiosa: Os 128 lugares estão divididos igualmente entre as facções cristã e muçulmana, com 64 para cada uma.

## A GUERRA CIVIL

O equilíbrio religioso imposto pelo pacto nacional quebrou-se gradualmente. O governo libanês respondeu às elites cristãs e ao imperialismo ocidental, enquanto a população operária, com uma forte presença de refugiados palestinos, chegados com os êxodos de 1948 e 1967, se identificava mais com o pan-arabismo e a esquerda. Em 1975, alastraram por todo o país os confrontos armados entre os nacionalistas de direita, cristãos e pró-ocidentais, por um lado, e as organizações de esquerda e palestinas, por outro. O governo solicitou a intervenção da Liga Árabe, cuja força era constituída majoritariamente por soldados sírios, que combateram as organizações de esquerda.



Entre 1978 e 1982, Israel, em aliança com os cristãos, ataca as organizações de esquerda e palestinas. Provoca o caos no Líbano com carros-bombas que mataram centenas de civis. Segundo o jornalista israelense Ronen Bergman, o principal objetivo era “*pressionar a OLP para que utilizasse o terrorismo que, assim, justificaria uma invasão no Líbano*”<sup>1</sup>.

Finalmente, Israel invadiu o Líbano. Em 1982, o Hezbollah (Partido de Deus) é fundado no calor da resistência contra a invasão israelense e ganha influência no confronto com o imperialismo contra a deserção de direções tradicionais, como a OLP.

A paz foi assinada em 1990. Mas a ocupação síria no norte e no leste do Líbano durou até 2005 e a invasão israelense no sul, até o ano 2000. Durante os 15 anos de guerra civil, morreram 250 mil pessoas, 1 milhão de pessoas ficaram feridas e outro 1 milhão fugiu do país.

## A “RECONSTRUÇÃO”

As potências imperialistas, utilizando como pretexto a devastação causada pela guerra civil, forçaram o Líbano, com a cumplicidade dos governos locais, a pedir empréstimos impagáveis, o que significou mais domínio e controlo do país, sem nenhuma melhoria para as massas. Se em 2007 a dívida externa libanesa representava 180% do seu PIB, hoje esse valor é de 320%. A “reconstrução” capitalista incluiu um ataque sistemático aos sindicatos. É por isso que, na ausência de organizações independentes, os trabalhadores participaram de forma autônoma nos processos de luta e de insurreição que foram acontecendo.

O enfraquecimento dos EUA no Oriente Médio após a crise econômica mundial de 2008 e, os fracassos militares no Iraque e no Afeganistão, permitiram ao Irã - parceiro da Rússia e da China - ampliar a sua influência em toda a região, especialmente no Líbano através do seu aliado Hezbollah.

## A PRIMAVERA ÁRABE

As revoltas que começaram na Tunísia em 2011 e se espalharam pelo Magrebe também tiveram eco no Líbano. Embora os protestos não tenham sido tão intensos como noutros países árabes, com a juventude na linha da frente, foram realizadas manifestações contra o domínio político sectário, a corrupção e a crise econômica. Em 2012, a guerra civil síria atingiu em cheio o país, provocando confrontos que se prolongaram até 2017. Entre 2009 e 2018 não houve eleições no Líbano e o parlamento prolongou os mandatos várias vezes. Nas eleições de 2018, o Hezbollah triunfou e obteve uma maioria parlamentar.

## A REVOLUÇÃO RENASCE DAS CINZAS

As condições de vida das massas libanesas pioraram e as desigualdades aumentam num ritmo alarmante: enquanto a maioria da população vive na pobreza e na miséria, os bancos e o setor privado, ligados aos partidos no poder, enriquecem escandalosamente. A dívida externa absorveu todos os recursos do país impondo ajustes selvagens, incluindo impostos impagáveis e restrições bancárias à população.

Nesse contexto, o governo aplicou um imposto sobre o whatsapp e a raiva desencadeou uma

poderosa rebelião. Pela primeira vez em décadas, as diferenças religiosas impostas de cima para baixo foram deixadas para segundo plano e as exigências foram dirigidas contra todos os setores que governaram nos últimos 30 anos. As reivindicações são econômicas e democráticas, para pôr fim ao regime confessional e poder escolher livremente: exigem o fim do pagamento da dívida e a utilização desse fundo para atender às necessidades sociais urgentes. A rebelião conseguiu destituir o primeiro-ministro Saad Hariri em outubro de 2019.

## A EXPLOSÃO DA CORRUPÇÃO E DO DESCASO

Em 4 de agosto de 2020, uma explosão brutal no porto de Beirute devastou metade da capital, deixando centenas de mortos, milhares de feridos e mais de 300 mil desalojados. Foi uma crise humanitária profunda. Enquanto a população corria em massa para apagar os incêndios, limpar os escombros e socorrer os feridos, o governo mostrava a sua inutilidade para combater a catástrofe, além de ser o responsável por ela, por ter ignorado os repetidos avisos sobre o perigo de armazenar 2.750 toneladas de nitrato de amônio no porto.

Mais uma vez, a indignação atingiu o pico e todas as revoltas contra a profunda crise econômica e política não resolvidas, foram novamente expressas nas ruas. As manifestações foram brutalmente reprimidas, mas não abrandaram e terminaram com a demissão do Primeiro-Ministro Hassan Diab, poucos dias após a megaexplosão. O novo primeiro-ministro foi nomeado somente 13 meses depois, em setembro de 2021: Najib Mikati, o empresário mais rico do Líbano, com o principal objetivo do governo de obter um pacote de resgate financeiro ao FMI<sup>2</sup>.

## NOVAS ELEIÇÕES, COM UM REGIME MAIS FRACO

No meio de uma grave crise econômica, com uma inflação superior a 150%, um aumento de 500% nos transportes e uma desvalorização da libra libanesa de quase 100%, realizaram-se eleições em maio de 2022. Por um lado, confirmou-se a aliança entre o establishment financeiro e religioso e o Hezbollah que, nos distritos onde têm controle, está aliado aos grupos mais corruptos do poder. Por outro lado, soube-se que a “oposição” recebia dinheiro da máfia

bancária local e da administração estadunidense. Mesmo fraco, o regime conseguiu se sustentar.

Mas a abstenção atingiu quase 60%, como expressão da cólera e também das dificuldades concretas da população: para ir votar, tinham de se deslocar ao seu local de origem, com passagens absurdas e, além disso, os bancos tinham imposto restrições ao levantamento de dinheiro. Isso refletiu a forte rejeição aos partidos tradicionais, a vontade dos trabalhadores e dos jovens de participar politicamente e a possibilidade de o antigo regime poder ser quebrado<sup>3</sup>.

Nenhum dos partidos do sistema sectário conseguiu uma maioria e, por conseguinte, todos os acordos parlamentares são fracos. Sempre a serviço dos poderosos e dos estrangeiros, em detrimento do povo libanês, fazem grandes concessões ao sionismo. Apesar de confirmado por numerosos estudos, o presidente, o governo e o parlamento recusaram-se a reconhecer como sua, a Linha 29 - último ponto da fronteira marítima libanesa - com as suas riquezas de gás e petróleo, numa concessão de soberania para Israel, que é sem precedentes.

## A MILITÂNCIA NO CAOS ATUAL

O genocídio palestino e o cerco brutal do Líbano pelo fascista Netanyahu abrem um novo capítulo na história deste povo militante. A crise agrava as disputas políticas internas entre a direita maronita e sunita e os setores xiitas. No sul do país a situação é mais crítica, com uma frágil trégua que envolve o regresso das pessoas expulsas de suas casas e os postos de controle israelenses.

Entre as vozes jovens de mudança que surgiram em 2019 e 2020, estão as dos ativistas que hoje, a partir da seção libanesa da LIS e, como parte da resistência popular, estão ajudando na assistência aos refugiados, no meio da catástrofe humanitária. Mais uma vez, como o cedro-do-líbano, mesmo nas condições mais adversas, este povo renasce. A tarefa estratégica consiste em organizar uma força política que unifique e dirija as reivindicações de todos os setores explorados e oprimidos no sentido da vitória revolucionária no Líbano e em todo o Oriente Médio. 

1. Bergman, Ronen; *Rise and Kill First: The Secret History of Israel's Targeted Assassinations* [Erguer-se e Matar Primeiro: A História Secreta dos Assassínatos com Alvos Específicos de Israel].

2. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-58545226>

3. Disponível em: <https://lis-isl.org/2022/05/18/libano-un-equilibrio-de-poder-cambiante/>

# IRÃ: de uma REVOLUÇÃO OPERÁRIA E POPULAR ao domínio do FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

POR VERÓNICA O'KELLY



No final de 1978, o mundo assistiu a uma revolução inédita.

Segundo o imperialismo ocidental, era uma revolução “islâmica”. Mas a história mostrou que se tratava de uma verdadeira revolução, com características próprias: o Irã vivia uma poderosa ascensão da sua classe operária e da juventude. Numa entrevista à antiga corrente morenista no Brasil, Nahuel Moreno definiu a revolução iraniana como “um dos maiores processos revolucionários”, com algumas características parecidas à Revolução Russa<sup>1</sup>.

Há 45 anos daquele acontecimento, o Irã é um país governado pelo fundamentalismo islâmico. É governado pela opressiva Sharia, a legislação religiosa que, justificado sob o Alcorão, regula todos os aspectos da sociedade muçulmana. Para compreender esse processo apaixonante, é essencial conhecer a

história desse povo, cujo DNA está gravado com o anti-imperialismo e a luta pela sobrevivência e pela liberdade.

## SÉCULOS DE CIVILIZAÇÃO

É impossível compreender o nacionalismo e o anti-imperialismo na tradição islâmica sem conhecer as suas raízes. A sociedade islâmica desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da humanidade. Essas populações, com o crescimento da sua civilização, espalharam o comércio pelo Oriente Médio e o Mediterrâneo. Ligando estas regiões, reuniram diferentes tradições que, ao longo dos séculos, deixaram a sua marca cultural. É no mundo persa e árabe que surgem os primeiros aglomerados urbanos.

Sendo um local com poucas regiões férteis, a competição pelas áreas férteis era feroz e os que se

encontravam em condições inferiores eram expulsos ao deserto. O desenvolvimento desses grupos deu origem aos *beduínos*, guerreiros nômades que atacavam tribos, aldeias e caravanas comerciais em busca de alimentos e recursos. Com o tempo, os beduínos aliaram-se à burguesia árabe, que ganhou poder com o comércio. Esta aliança permitiu que a burguesia árabe expandisse os seus mercados, acabando por dominar o sul da Espanha, todo o Norte de África até ao rio Indo.

Para fazer comércio, o mundo islâmico desenvolveu uma cultura de tolerância e de coexistência com o mundo não muçulmano. Era mais rentável incorporar essas populações como clientes ou parceiros do que entrar em guerra. Durante séculos, mesmo sob o domínio muçulmano, a convivência com povos judeus e cristãos foi de integração. O exemplo da Palestina ilustra bem este fato e, ao mesmo tempo, a forma como o sionismo destruiu essa tradição.

Posteriormente, a partir do Ocidente, os setores comerciais europeus iniciaram as cruzadas. Com a cruz e a espada, espalharam o terror pelo Mediterrâneo, tentando conquistar os mercados controlados pela burguesia árabe. O império europeu foi derrotado no seu objetivo de dominação, embora tenha conseguido importantes conquistas que marcaram a ferro e fogo o mundo árabe. O Islã perdeu o controle do Mediterrâneo e teve de regressar ao deserto em busca de novos mercados.

Já o imperialismo europeu e posteriormente o estadunidense tentaram sempre influenciar o Islã para dominar o território árabe. No Irã, apoiaram o Xá Pahlevi, que prometeu ser leal e “occidentalizar” o povo. Mas nem o Xá nem o imperialismo perceberam de que a marca anti-imperialista do povo iraniano estava latente e que, como se confirmou, os sentimentos de independência islâmica e de classismo ganhariam uma força inesperada.

## O FURACÃO CRESCE

O Xá Pahlevi era o herdeiro de Reza Khan que, em outubro de 1925, subiu ao poder por um golpe militar, instaurando uma ditadura e obrigando o Parlamento a nomeá-lo Xá. Em 1941, abdicou em favor de seu filho, Mohammed Reza Pahlevi, o novo Xá, que anos mais tarde sofreu diretamente a ira do povo islâmico.

Este novo Xá apresentou-se ao mundo como um representante da modernidade em meio aos regimes árabes atrasados e belicosos. Mas em 1979

foi revelada a verdadeira face dessa monarquia, que o povo iraniano denunciou e enfrentou: um regime aristocrático baseado sob a repressão selvagem, com torturas brutais da Savak<sup>2</sup>.

O Xá Pahlevi era um fantoche do imperialismo norte-americano. Enquanto a produção de petróleo crescia, o povo afundava-se na pobreza, com baixos salários e condições precárias de trabalho. Na década de 1950, o Irã encontrava-se numa situação de turbulência social e podia cair na órbita soviética, pondo em risco o fornecimento de petróleo ao



Ocidente. Nos EUA, a paranóia anticomunista crescia e o Irã virou atenção para a CIA e o imperialismo.

A política repressivas do Xá e da *Savak* aprofundou-se. Mesmo as reformas superficiais da Revolução Branca<sup>3</sup> aumentaram a repressão e, contra esta, a agitação das massas contra o regime. Em 1962, o Xá aprovou a proibição do uso do véu pelas mulheres nos conselhos municipais e provinciais e supriu a obrigação dos *majilis*<sup>4</sup> acreditarem no *Alcorão*. Com estas medidas, entre outras, cresceu a imagem de “inimigo do Islã”.

Os religiosos de Qom, cidade sagrada para os xiitas, decidiram enfrentar o Xá. Convocaram uma greve geral e foram duramente reprimidos. Durante este processo, surgiu um imã que se tornaria um importante líder na história do Irã: Ruhollah Khomeini, que foi preso e depois deportado. A revolta foi derrotada, mas marcou o início da grande tempestade.

Nessa década, a economia do Irã cresceu graças ao petróleo. Em setembro de 1960, a Arábia Saudita, o Irã, o Iraque, o Kuwait e a Venezuela, os principais produtores de petróleo do mundo, fundaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). A OPEP foi criada com o objetivo de contrabalançar o peso das companhias petrolíferas imperialistas: Standard Oil, Royal Dutch Shell,

Mobil, Gulf Oil, British Petroleum e Standard Oil of California.

Mas a grande riqueza gerada pelo petróleo não foi para o povo trabalhador iraniano. Ao contrário: ficou concentrada nas mãos de uma pequena elite –responsável pelo comércio com as multinacionais do petróleo– e da monarquia Pahlevi, que ostentava sua riqueza em grandes festas com a realeza e celebridades internacionais. Ao mesmo tempo, os *mujahidins*<sup>5</sup> bombardeavam e combatiam o regime ditatorial com cada vez mais força. A classe trabalhadora já não conseguia suportar as terríveis condições de vida e, no final da década de 1970, as greves e mobilizações aumentavam.

## EXPLODE A REVOLUÇÃO OPERÁRIA E POPULAR

Entre 1976 e 1977, o aumento das mobilizações e das greves foi grande. Em 1978, uma greve dos operários petrolíferos paralisou o país por 33 dias, causando perdas milionárias ao imperialismo. Em 8 de setembro do mesmo ano, o exército do Xá assassinou milhares de manifestantes em Teerã, provocando mais indignação e, contra isso, foi convocada uma nova greve geral do setor, desta vez por todos os trabalhadores das refinarias do país.

Na ausência de uma direção revolucionária, os *mulás*<sup>6</sup> tornaram-se gradualmente o pontos de referência da população rural e urbana iraniana, em grande parte analfabeta. No exílio, Khomeini incitava as massas a acabarem com a tirania do odiado Xá.

A força total da classe trabalhadora iraniana explode e dirige uma revolução contra todas as formas de exploração e opressão. Deste processo surgiram organizações operárias de autodeterminação, até então inéditas no mundo árabe: os *shoras*. Estes conselhos foram criados essencialmente nas fábricas, como instrumento de decisão e de mobilização do proletariado industrial.

Esse movimento combinou-se com a milícia *mujahidin*, populista de esquerda, e com o clero xiita<sup>7</sup> com fortes ligações à burguesia do *bazar*, ambos setores prejudicados pelo regime do Xá. Khomeini, agora como *Aiatolá*<sup>8</sup>, posicionou-se como um ponto de referência para estas classes.

Em 1 de fevereiro de 1979, Khomeini regressa do exílio ao Irã e assume o poder. Nomeia Mehdi Bazargan como primeiro-ministro e convoca a população à “ordem” e ao “retorno ao trabalho”. Embora com uma posição independente do imperialismo, Khomeini se posicionou na defesa do sistema capitalista e, com este caráter de classe,

dedicou-se a restaurar a ordem para que a burguesia pudesse manter os seus negócios.

Mas a classe trabalhadora iraniana continuou se erguendo e organizando representações de *shora* por todo o país. Infelizmente, na ausência de uma direção revolucionária capaz de conduzir toda essa força social na luta anti-imperialista, anti-capitalista e socialista consequente, a contrarrevolução começou a agir rapidamente.

## O GIRO CONTRARREVOLUCIONÁRIO

Nessa fase, três acontecimentos marcaram a ofensiva poderosa da contrarrevolução:

- Em dezembro de 1979, a burocracia soviética invadiu o Afeganistão para conter a mobilização dos povos islâmicos dentro das fronteiras da URSS.
- O Iraque, com o apoio da burocracia soviética, dos Estados Unidos e das companhias petrolíferas, atacou militarmente o Irã, iniciando a Guerra Irá-Iraque (1980-1988).
- O Estado sionista de Israel invade o Líbano, provocando um enfraquecimento qualitativo da OLP.

Encurralado, Khomeini lança uma ofensiva contra os *Shoras*, os *mujahidins* e as nacionalidades oprimidas, ou seja, contra a vanguarda da revolução. Em 1981, triunfou e derrotou a revolução. Foi uma luta feroz, marcada pela repressão contra a esquerda iraniana e aos militantes operários petrolíferos, cujo classismo era inaceitável aos *mulás*.

O *Tudeh*, partido comunista iraniano que apoiou Khomeini contra o Xá, foi perseguido e proibido em 1983. O mesmo destino teve toda a oposição. Depois de Khomeini se estabilizar no poder, lançou uma repressão brutal contra a classe trabalhadora e a juventude universitária, demitindo mais de 60 mil professores e funcionários do Estado, prendendo e matando milhares de ativistas de oposição.

A partir daí, iniciou-se uma nova etapa do domínio burguês no país: a do fundamentalismo islâmico, de uma *sharia* reacionária e opressora, além de acordos com o imperialismo e a continuidade do capitalismo. A derrota da revolução iraniana e a consolidação do governo teocrático fundamentalista islâmico foi o resultado da luta de classes, para além dos componentes religiosos e culturais.

## O IRÃ DOS MULÁS

Khomeini, como líder religioso supremo,

monopolizou o poder e estabeleceu um regime ditatorial. Os poderes legislativo, executivo e judicial estão subordinados aos *Aiatolás*. Mas os conflitos nunca desapareceram e até hoje há crises políticas e atritos entre setores conservadores e reformistas. Além disso, existem processos de luta por reivindicações sociais e democráticas dirigidas pela classe trabalhadora, pelas mulheres e pela juventude:

- Em 1998 e 1999, ocorreram marchas massivas de estudantes universitários em protesto contra o autoritarismo do regime.
- Em 2010, o chamado Movimento Verde exigiu a transparência no processo eleitoral, com grandes mobilizações.
- No início de 2011, as ruas do país foram ocupadas de milhares de manifestantes que protestavam contra o regime repressivo.
- Entre 2017 e 2020, registou-se um aumento das lutas sociais e das greves de trabalhadores contra o aumento dos preços dos combustíveis e de outros produtos.
- Em 2022, a jovem curda Mahsa Amini foi detida pela “polícia moral” por usar o *bijab* em público de forma “inadequada” e foi assassinada, originando fortes protestos.

Todas estas lutas sociais foram reprimidas com grande violência. Reconhecer os confrontos que o regime iraniano tem com os EUA e Israel não pode, de forma nenhuma, justificar estes crimes internos, como fazem as correntes campistas, nem pode justificar a manipulação política da causa palestiniana que faz o Irã.

## IRÃ HOJE

As exportações de petróleo são a principal fonte de receitas do Irã. Em 2023, o Irã se localizou como sétimo maior produtor de petróleo do mundo, sendo responsável por 5% da produção mundial naquele ano<sup>9</sup>. Mesmo com as sanções que bloqueiam o comércio de petróleo, o país vende milhões de barris ao mercado mundial, principalmente à China.

Mesmo assim, a economia iraniana continua dependente do mercado mundial, uma vez que a sua indústria, especificamente a indústria alimentar, é insuficiente. O Rial (IRR), moeda iraniana, está muito desvalorizado (1 dólar equivale a mais ou menos 42.000 riais) e a inflação é de quase 55% ao ano. Segundo os dados do Banco Mundial, o PIB per capita do Irã em 2023 era de 4.500 dólares por

pessoa (contra 81.695 dólares nos EUA e 52.261 dólares em Israel).

As relações dos sucessivos governos iranianos com o imperialismo norte-americano continuaram tensas. O sucessor de Khomeini, o Aiatolá Ali Khamenei, mantém uma linha de oposição ao sionismo e aos EUA. Houve um curto período durante a administração Obama onde as relações pareciam que iriam se normalizar: assinaram acordos contra a corrida armamentista nuclear em troca do fim dos embargos que asfixiam a economia iraniana, especialmente a venda de petróleo, o principal produto de exportação.



Mas essa luta de mel terminou com a primeira administração Trump, que retomou os embargos e a linha da “guerra contra o terrorismo”<sup>10</sup>. Na última campanha eleitoral, Kamala Harris chamou o Irã de “força desestabilizadora e perigosa” e o “maior adversário” dos EUA.

O regime reacionário e antidemocrático dos mulás funciona sob o controle quase absoluto do *Conselho dos Guardiões da Constituição*<sup>11</sup>. Juntamente com a crise econômica e a diminuição do nível de vida, essa situação gera agitação social e protestos.

Nas últimas eleições presidenciais, em julho de 2024, de um total de 80 candidatos, apenas 6 foram homologados. A taxa de participação no primeiro turno foi baixa: 40%, a mais baixa desde 1979. No segundo turno, atingiu 49% e o reformista Masoud Pezeshkian derrotou o conservador Said Yalili. O novo presidente prometeu tirar o Irã do isolamento, restabelecendo os acordos com o imperialismo sobre armas nucleares em troca da suspensão dos embargos. Criticou igualmente a polícia da moralidade,

# O fundamentalismo islâmico

- No Oriente Médio, o fundamentalismo islâmico foi impulsionado pelo imperialismo estadunidense e pelo próprio sionismo. Na década de 1980, a CIA dos EUA e a Mossad israelense financiaram a criação do Hamas e do Hezbollah para frear a influência da direção nacionalista e laica palestina, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).
- A CIA também esteve envolvida anteriormente no Afeganistão, em 1978. Assim que o regime reacionário de Daud foi derrubado, no processo chamado *Revolução de Saur*, o imperialismo montou a Operação Ciclone para financiar os mercenários mujahidins contrarrevolucionários: os *jihadistas*<sup>12</sup>.
- Os *talibãs afgãos* eram também financiados pelo imperialismo, neste caso pela Unocal, uma empresa dos EUA que tinha o objetivo de se apoderar da exploração do petróleo e gás no Afeganistão. Em 1996, tomaram Cabul e cresceram, unificando os *mujahidins* ao exército *talibã*. Os acordos não duraram muito tempo e as tensões aumentaram. Em 11 de setembro de 2001,
- as Torres Gêmeas foram atacadas e, em resposta, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão e declararam guerra ao fundamentalismo islâmico.
- Esta corrente tem raízes anteriores. A Irmandade Muçulmana, que surgiu no Egito em 1952, é a ala mais difundida. Quando Gamal Abdel Nasser nacionalizou o Canal do Suez em 1956, os Estados Unidos ligaram o alarme e a CIA ajudou a treinar esses fanáticos religiosos para os utilizar contra os movimentos nacionalistas e independentes. Após a Segunda Guerra Mundial, o fundamentalismo islâmico tornou-se cada vez mais reacionário. Ao contrário de outros setores que se propõem a coexistir com o mundo não islâmico, têm um caráter violento com fortes elementos neofascistas.
- O Irã lidera o chamado “Eixo da Resistência”<sup>13</sup> uma aliança informal de países e grupos armados islâmicos. A Síria (antes da queda de Bashar al-Assad), o Hezbollah, o Hamas, os Houthis do Iêmen e milícias xiitas no Iraque, no Afeganistão e no Paquistão. O governo iraniano fornece capital, apoio militar e tecnológico.

planejando flexibilizar o controle do uso do *hijab* e desriminalizar o consumo de algumas drogas. No entanto, descreve-se como um *principista*, ou seja, adepto dos princípios da República Islâmica, “*a partir desses princípios procuramos reformas*”, afirmou Pezeshkian.

Quanto aos confrontos contra Israel, que executou assassinatos em Teerã e atacou instalações militares iranianas, para além de discursos duros, as respostas militares iranianas têm sido até agora moderadas e sempre com aviso prévio. Mais de um ano após o genocídio em Gaza e os ataques dos sionistas ao Líbano, o Irã continua priorizando seus próprios interesses -como o seu programa nuclear- em detrimento do prometido forte apoio político e militar à causa palestiniana.

De nossa parte, continuaremos apoiando as lutas da classe operária iraniana, que tem uma longa tradição militante, bem como as reivindicações democráticas das mulheres, dos estudantes e de outros setores populares. Neste caminho, defendemos a construção de uma direção socialista e revolucionária no Irã.

## ALGUNS DADOS

- População: 87 milhões de pessoas.

- Língua: Persa (Farsi).
- Economia: agricultura e petróleo.
- Religião: Islã xiita.
- Taxa de desemprego: 9,1%.
- Com desenvolvimento nuclear.

1. Entrevista publicada pelos Cadernos Socialistas, revista de teoria marxista editada no Brasil, num dossier especial sobre a revolução iraniana.

2. “O comunismo considera automaticamente todos os empresários como exploradores. Mas o socialismo árabe distingue entre os empresários exploradores e os que se baseiam na justiça e no trabalho”. Al-Ahram, 4/8/61.

3. As reformas destinadas a modernizar o país foram superficiais. Conduziram a um enorme crescimento do aparelho repressivo do Estado e reduziram o peso social e político da burguesia tradicional do bazar.

4. Parlamentares.

5. No Islão, um mujahedin é alguém que dedica a sua vida ao combate militar. No Irã, os mujahedin eram um grupo de guerrilha pequeno-burguês de esquerda que lutou contra o Xá.

6. Clero xiita, ligado à burguesia do bazar

7. Seita religiosa muçulmana que considera Ali como o legítimo sucessor de Maomé.

8. Líder religioso xiita de topo.

8. Dados do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás.

10. Foi assim que os EUA designaram a resposta militar iniciada por Bush após o ataque às Torres Gêmeas.

11. É composto por seis clérigos e seis juristas, todos nomeados direta ou indiretamente pelo Ayatollah. Entre as suas funções, o Conselho autoriza as nomeações eleitorais e dá o seu aval ao Presidente.

12. No Islão, a jihad significa uma obrigação religiosa. O jihadismo transformou-a numa obrigação militar.

13. O nome foi definido em resposta a Bush, que em 2002 chamou ao grupo do Irã, Iraque e Coreia do Norte o “Eixo do Mal”. O objetivo do “Eixo da Resistência” é lutar contra o sionismo.

# Entrevista com ZHALEH SAHAND, trotskista IRANIANA independente

Entrevistamos Zhaleh Sahand, uma trotskista iraniana independente, sobre a situação na região, a relação entre o Irã e a causa palestina e uma possível solução para o Oriente Médio.

## Qual sua opinião sobre o novo genocídio de Israel?

A ocupação da Palestina por Israel e a sua guerra genocida contra o povo palestino começaram há 76 anos. Qualquer entidade que tente apontar o ataque do Hamas em 7 de outubro de 2023, apresentando-o como um ataque terrorista isolado que surgiu do nada, ou que o entenda como uma ação ofensiva, e não como parte da linha de defesa na estratégia de guerra do Hamas contra Israel, chegará inevitavelmente a uma conclusão errada. Significa alimentar um espectro maior de apologistas que fecham os olhos aos 76 anos de derramamento de sangue contínuo executado por Israel contra o povo da Palestina que, de acordo com o artigo 51º da Carta das Nações Unidas, tem o direito de se defender em território invadido, ou seja, em sua própria terra.

Independentemente do que o Professor Geir Ulfstein explicou em seu artigo sobre o possível ator não estatal (Hamas), “*Israel não tem o direito de usar a força em território onde o povo palestino tem o direito de exercer o seu direito à autodeterminação*”<sup>1</sup>. Quer a Palestina seja representada pela OLP ou por uma potência territorial como o Hamas, Israel continua a ser um invasor na Palestina e, por conseguinte, aplicam-se todas as regras do artigo 51º.

O Estado ilegal e assassino de Israel já massacrou mais de 75% dos habitantes de Gaza, e o direito à autodefesa por todos os meios necessários são direitos justos de todos os palestinos. Isto não significa que o direito do Hamas à autodefesa ou levar a cabo um ataque ofensivo contra Israel na Palestina ocupada apague o nosso direito de criticar incondicionalmente a sua agenda burguesa, as suas contradições políticas e econômicas, as suas mudanças, resoluções e limitações democráticas. A nossa organização no movimento palestino é a BDS (movimento de Boicote, Desinvestimento, Sanções), que muitos ativistas iranianos e eu apoiamos e seguimos incondicionalmente.

## Qual papel do Irã na causa palestina?

Muitos membros do movimento socialista revolucionário iraniano, e eu própria, preferem não analisar do exterior a



natureza política e a autenticidade do apoio do regime islâmico iraniano ao povo palestino. Mas, no quadro e na dinâmica de poder das lições aprendidas com o socialismo clássico e a sua visão materialista da história e da política na nossa região, a minha primeira impressão pode ser: quem é que no seu perfeito juízo, no nosso mundo de hoje, pode olhar para a fúria desenfreada de Israel atacando tudo e todos os que resistem à sua barbárie, e não apoiar o povo palestino e os seus direitos inabaláveis à autodefesa, à recuperação da sua terra e à criação de um Estado palestino que abra os braços a todos, incluindo os ocupantes israelenses, para viverem numa só terra, num só Estado e num Estado democrático para todos?

Se não for esse o caso, então uma segunda impressão é que, tendo em conta a natureza política do regime iraniano, tratar-se de um regime teocrático e autoritário com um histórico sangrento de massacre ao seu próprio povo e contra inúmeros ativistas políticos e comunistas, que alimenta o abismo das classes entre ricos e pobres, que conduz a classe trabalhadora à miséria e exalta como nunca os ricos e a classe capitalista, que demonstra a sua fidelidade ao capitalismo global, com os planos socio-econômicos que adota, precisa seriamente de um bloco próprio na região, mesmo que seja arbitrário e simbólico, para garantir sua sobrevivência e se proteger de catástrofes em caso de ataque externo, e uma necessidade de conformidade monetária, ideológica ou política, para garantir a credibilidade e o silêncio nos 45 anos de opressão de classe dos trabalhadores iranianos e de destruição das bases da democracia, através de um poder aceito por vários grupos do diversificado movimento na Palestina.

É lamentável que o movimento palestino não tenha produzido, no seu seio, entidades e grupos suficientes para

apoiar o movimento revolucionário iraniano e contra esse regime criminoso. Vemos isso com clareza e não glorificamos todos os aspectos do movimento palestino, embora nos comprometemos a apoiá-lo incondicionalmente em conjunto ao povo palestiniano, mas a apoiar criticamente as entidades e organizações do movimento com as quais concordamos plenamente, não sobre os seus programas, mas ao seu direito à autodefesa.

### **E o regime dos mulás?**

O regime islâmico iraniano é um regime capitalista, absolutamente autoritário, com uma superestrutura feudal, uma mistura de sangue, capital e regras islâmicas, sem qualquer elemento democrático ou respeito aos direitos democráticos do seu povo e resistente ao renascimento cultural. Mas, mesmo com todos esses defeitos, aprendeu a sobreviver a um ataque imperialista. Não é difícil descobrir que a animosidade do regime iraniano é, em primeiro lugar e acima de tudo, contra o seu próprio povo, uma vez que demonstrou repetidamente, desde o início da sua existência, no Iraque, no Afeganistão e na Síria, estar do lado dos imperialistas, cooperando inclusive com o seu chamado inimigo número um, o Governo dos EUA.

Tanto o Xá como o regime islâmico iraniano têm um elemento em comum: sendo o único país muçulmano poderoso da região, sabiam e sabem que sobreviverão aos ataques dos EUA enquanto puderem ser úteis. E se os EUA soubessem que o filho do rei abandonado poderia ser trazido de volta ao Irã e ser bem recebido, não hesitariam um só momento em reinstalar o seu trono. Mas eles sabem bem que os iranianos querem algo e alguém maior, pelo menos alguém que não seja nem o Xá, nem o regime islâmico iraniano, e que seja mais temível do que o regime islâmico iraniano para os EUA. E é exatamente disso que precisamos no Irã: um sistema que coloque o povo à frente da política humilhante e opressiva e dos lucros dos imperialistas.

O regime iraniano sabe que, se houvesse um referendo livre, 80% dos iranianos votariam pela sua destruição. Mas nós dissemos repetidamente que, até que o regime islâmico iraniano esteja no poder, defenderemos incondicionalmente a sua soberania, sem parar a nossa luta de classes e a nossa animosidade nem minimizar as nossas propagandas e agitações contra o regime, sejam quais forem as circunstâncias. Assim, só nós temos a tarefa da revolução e de mudar o regime. Lutamos contra o atual regime com nossa política até que o nosso povo, tanto objetiva como subjetivamente, esteja preparado para se colocar, se não acima de nós, pelo menos ao nosso lado e em nosso bloco.

### **Como imagina um futuro socialista para o Oriente Médio?**

Como trotskista, não vejo uma revolução socialista vitoriosa isolada em lado nenhum. E a história é testemunha disso. Devemos equiparar a urgência de um movimento socialista internacional à urgência do pão, da água e do ar.

O Irã e o Oriente Médio são partes do mundo oprimido pelo capital e pelos seus governantes, com uma grande diferença: nós vivemos nesta parte do mundo sob o domínio de governantes que não só defendem o capital com a sua alma, vida e sangue, como estão dispostos a derramar rios de sangue, para não serem obrigados a aceitar a superestrutura política do capitalismo, que é a liberdade burguesa de expressão e protesto contra o capitalismo e os seus fundamentos.

Imaginar um futuro socialista no Oriente Médio, para alguém que lá viveu e esteve presa, não é uma ilusão, mas dependerá de muitos fatores políticos globais e não de estar disposto a narrar a revolução como um conto de fadas, com início mágico e fim trágico. Isso vai além do tema da nossa conversa de hoje e deve ser abordado em outro momento.

Mas, em resumo, posso dizer que nem todas as medidas comunistas implícitas na Revolução de outubro serão aplicáveis ao mundo de hoje e à estrutura de classes da classe trabalhadora mundial. Temos de romper com a utopia, porque a extensão da luta contra a classe operária americana e europeia é uma força decisiva para o fortalecimento do capitalismo e uma barreira à propagação da revolução socialista no mundo. E, embora a dura repressão da classe trabalhadora no Sul global seja um enorme fator de dinamização dos movimentos socialistas e das revoluções nos nossos territórios, um forte movimento socialista no coração dos países imperialistas constitui uma bússola para o progresso e o reforço do movimento socialista nos demais países do mundo.

Penso que a dor que os socialistas do Sul global estão sofrendo com seus regimes capitalistas não terá qualquer efeito na aceleração da sua revolução socialista se os socialistas de todo o mundo, especialmente nos países imperialistas, não lutarem ao mesmo tempo que nós. A luta pelo socialismo tem duas vertentes: é local e internacional, e se olharmos para o histórico do movimento socialista em todo o mundo, a falta de solidariedade internacional com o movimento socialista no Irã e em toda a região é pateticamente óbvia.

O socialismo nunca será implantado por pacifistas, mas por revolucionários preocupados e empenhados que, acima de tudo, vêem o mundo como o seu país. 

1. Disponível em: <https://www.ejiltalk.org/does-israel-have-the-right-to-1-if-defence-and-what-are-the-restrictions/>

# ORIENTE MÉDIO: um olhar sobre sua história

POR VICENTE GAYNOR

**Os conflitos atuais, seus protagonistas e a configuração geopolítica do Oriente**

**Médio são o produto das disputas interimperialistas do último século e meio. Esta análise tenta fornecer um contexto para compreender melhor a complexa realidade atual na região.**

A região do Oriente Médio<sup>1</sup>, designada a partir da posição geográfica europeia que se situa na intersecção dos continentes africano, asiático e europeu, tem sido uma encruzilhada central ao longo da história.

Todos os *homo sapiens* que saíram de África há 70 mil anos, os antepassados de todos os povos do mundo, passaram por aqui. As primeiras cidades surgiram lá: Ur, Lagash e Uruk, na Mesopotâmia. A primeira batalha entre impérios foi travada naquela região, quando os egípcios e os hititas se confrontaram em Cades. Por ali, avançaram os persas com destino à Grécia, e Alexandre, o Grande, com destino à Pérsia, Egito e Índia. Durante milênios, foi o nó central das estradas onde o comércio e o intercâmbio cultural fluíam entre os extremos da China e da Índia, da Europa e da África. Foi aí que nasceram as religiões monoteístas que ainda hoje dominam grande parte do mundo.

Durante a maior parte dos últimos 2 mil anos, a potência que controlava essa encruzilhada era também a maior potência econômica e política de toda a Europa, da África e da maior parte da Ásia. O Oriente Médio atual é resultado da conquista do capitalismo moderno e das potências imperialistas dessa região estratégica.

O Império Otomano foi a última potência pré-capitalista que controlou o Oriente Médio, além do norte da África até Marrocos e dos Balcãs europeus quase até Viena. Mas a superioridade que manteve durante 300 anos sobre os seus vizinhos europeus foi desmoronando com o desenvolvimento capitalista, que chegou tarde.



## COLONIZAÇÃO DO IMPERIALISMO EUROPEU

O século XIX viu a imposição capitalista na maior parte do mundo. As potências imperialistas europeias colonizaram quase toda a África, a Índia e o Sudeste Asiático. Subjugaram outros países pelas formas de protetorados e semi-colônias dependentes. O mesmo aconteceu no Oriente Médio, sobretudo após a descoberta de abundantes reservas de petróleo no início do século XX.

Ao longo do século XIX, o Império Otomano foi desmembrado pelas potências capitalistas emergentes. A França conquistou a Argélia em 1830 e a Tunísia em 1881. A Itália tomou a Líbia em 1911. A Grã-Bretanha tomou Áden, Omã, os Emirados Árabes e o Kuwait. O Egito e o Sudão ficaram sob o controle britânico em 1899.

Após o final da Primeira Guerra Mundial e a

---

Tomamos como referência o Oriente Médio, que além da Palestina, Líbano, Síria, Jordânia e Iraque inclui o Irã, Afeganistão, Turquia e Egito.





derrota dos otomanos, os britânicos transformaram a Palestina, a Jordânia e o Iraque em protetorados e a França ficou com a Síria e o Líbano. O centro imperial, a Turquia, foi ocupado por tropas britânicas e gregas. Embora a ocupação tenha sido expulsa e a Turquia tenha mais tarde desenvolvido a sua economia capitalista e o seu peso político regional, deixou de desempenhar o papel dominante que lhe fora retirado pelo imperialismo europeu.

Em 1917, o governo britânico publicou a Declaração de Balfour, que encorajou e financiou o projeto colonialista sionista, com o objetivo de criar um bastião dependente para dominar a região.

O Irã e o Afeganistão foram disputados e divididos em esferas de influência pelos britânicos - que estabeleceram o protetorado da Mesopotâmia a oeste e colonizaram a Índia a leste - e pelo imperialismo russo czarista que procurava se expandir partir do norte.

As fronteiras de todos estes países, bem como as do Sul da Ásia e de toda a África, foram determinadas nesse processo de colonização e de partilha imperialista, ignorando ou violando a vontade e a disposição territorial dos seus povos, de acordo com as conveniências das potências imperialistas. Por exemplo, a França dividiu a Síria, criando o Líbano, onde governaria com os seus aliados cristãos maronitas. E os britânicos dividiram a Palestina, criando a Jordânia, e estabeleceram as fronteiras do Irã e do Afeganistão, deixando regiões de ambos ao Paquistão.

Contra tudo isto, houve resistências e rebeliões em massa, infelizmente derrotadas pelos exércitos europeus e os setores colaboracionistas locais. Assim chegaram ao poder as dinastias que ainda hoje governam a Arábia Saudita e a Jordânia, bem como as que reinaram durante décadas no Irã e no Iraque (até 1979). Em suma, desenvolveu-se uma burguesia dependente e servil que hoje conhecemos.

## 1948, MAIS UM RETROCESSO

A fundação do Estado sionista de Israel em 1948, à custa do massacre e da expulsão dos povos originais palestinos, foi um duro golpe contra os regimes árabes. Alguns deles declararam guerra a Israel, mas tudo não passou de uma farsa. A narrativa sionista de "exércitos massivos" de Estados árabes invasores é, em grande parte, um mito:

- O exército transjordânico abriu uma frente de guerra, mas o seu resultado foi negociado antecipadamente entre Amir Abdallah e os líderes sionistas Moshe Dayan e Golda Meir.
- O exército egípcio era mal treinado e mal equipado, e o seu desastre desacreditou o regime e levou à sua queda em 1952. Os dois "exércitos" nem sequer se coordenavam.
- O papel militar da Síria foi muito limitado e as tropas iraquianas que entraram na Palestina a partir da frente oriental foram rapidamente retiradas.
- A Transjordânia anexou a Cisjordânia e passou a designar-se Jordânia. O Egito apoderou-se do Sinai e da Faixa de Gaza. E a Síria ficou com uma pequena área perto de al-Hamah.

Em 1967, a Guerra dos Seis Dias consolidou Israel como o enclave colonial imperialista no Oriente Médio. Desde então, tem se beneficiado com o apoio incondicional dos EUA.

## NACIONALISMO PAN-ÁRABE

Tal como noutras partes do mundo, iniciou-se no Oriente Médio, após a Segunda Guerra Mundial, um período de rebeliões e revoluções contra a ordem capitalista dependente da hegemonia imperialista. Alguns triunfaram e instalaram novos regimes nacionalistas. Os EUA, que emergiram da guerra como imperialismo hegemonicó, encorajaram o fundamentalismo

islâmico reacionário para sabotar esses regimes progressistas. Entre os anos 1950 e 1980, utilizaram do Egito à Indonésia, da Síria ao Paquistão.

No período pós-guerra, os partidos comunistas desempenharam um papel importante na liderança e direção dos movimentos operários árabes. Mas eram dirigidos pelo estalinismo em Moscou, cuja linha era formar alianças com os capitalistas “patrióticos” para supostamente enfrentar o imperialismo - a famosa teoria equivocada da *revolução por etapas*.

Na Síria, no Iêmen, na Somália, na Etiópia e outros países houve golpes de esquerda e a derrubada de regimes feudais/capitalistas podres que levaram à criação de Estados bonapartistas ou de Estados operários deformados. Nos outros países, registaram-se fortes movimentos de massas com dirigentes populistas de esquerda na vanguarda. No quadro da *Guerra Fria*, alguns deles desafiam o imperialismo ocidental e levaram a cabo nacionalizações e reformas radicais. Mas as burocracias de Moscou e de Pequim não aprovaram verdadeiramente estas políticas.

Um desses dirigentes foi Gamal Abdel Nasser, chefe dos Oficiais Livres, que em 1952 se tornou presidente do Egito aproveitando a rebelião em massa. Cresceu como um líder pan-árabe. Apesar de Moscou ter rejeitado a sua proposta de adesão ao Pacto de Varsóvia e de nacionalizar a maior economia do Oriente Médio, Nasser nacionalizou o Canal do Suez, o que contrariou os interesses do imperialismo, sobretudo britânico e francês. Essa ação resultou na Guerra do Suez (ou do Sinai), em 1956, onde os britânicos e os franceses foram derrotados pelo Egito. Na Constituição de 1956, Nasser incluiu o sistema de partido único: a União Nacional, ou seja, de colaboração de classes<sup>2</sup>.

No Iraque, os comunistas desempenharam um papel fundamental na derrota do controle britânico. No entanto, em 1963, ajudaram o seu aliado, o partido nacionalista e “socialista” Baath (“renascimento”, em árabe), a tomar o poder. Pouco depois, o governo baathista deu meia volta e esmagou os comunistas, matando milhares dos seus membros.

Sobre o Irã, em 1951, com grande apoio popular, o parlamento aprovou a nacionalização do petróleo, em grande parte nas mãos dos britânicos. Em 1953, os EUA promoveram um golpe militar para derrubar o governo e repor o Xá Pahlevi, transformando o país numa semi-colónia até à revolução de 1979.

## FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

A principal corrente do fundamentalismo moderno baseava-se na Irmandade Muçulmana (*Ikhwan-ul-Muslimeen*) no Egito, outros países do Oriente Médio e no Congresso Islâmico (*Jamaat-e-Islami*) no Paquistão. A Irmandade foi fundada em 1928. Em comparação com o sufismo e outras correntes islâmicas moderadas, a Irmandade e o Congresso tinham um caráter virulento com fortes traços neofascistas. Nas décadas seguintes, este fato fez crescer uma versão mais fanática.

Um dos pilares da política externa dos EUA foi encorajar e armar o fundamentalismo islâmico como carta reacionária contra as rebeliões e revoluções. A Irmandade e o Congresso foram escolhidos para essa tarefa pela sua crueldade e fanatismo. Após a derrota do Suez, os imperialistas deram prioridade a essa política. Mas, nesses países, foi difícil para os fundamentalistas ganharem uma base social devido às sucessivas oportunidades à esquerda.

A maior operação secreta da CIA com o fundamentalismo ocorreu no Afeganistão. Em 1978, oficiais radicais do exército derrubaram o regime reacionário de Daud pela *Revolução de Saur*. Enquanto a URSS apoiava o novo governo progressista, os EUA encorajavam as guerrilhas islâmicas como aríete contrarrevolucionário. Embora os russos tenham se retirado em 1989, a guerra civil prosseguiu até à chegada ao poder do Talibã, em 1996. Em 2001, após os ataques às Torres Gêmeas, uma intervenção militar dos EUA levou outra facção islâmica ao governo. As duas facções negociaram sem êxito e, desde 2021, o Talibã voltou ao poder no país.

Por sua vez, organizações fundamentalistas islâmicas como o Hezbollah, o Hamas e outras chegaram a ser financiadas por Israel para enfraquecer a OLP e a radicalização do movimento palestino à esquerda.

A principal razão para o ressurgimento fundamentalista é o enorme vazio político criado pelo colapso do estalinismo e da esquerda nessas sociedades. No meio de graves privações socioeconômicas, desemprego e pobreza, as massas entraram num beco sem saída. A arrogância e o desprezo dos monarcas e ditadores do mundo árabe e islâmico alimentam ainda mais o ódio popular.

2. «O comunismo considera automaticamente todos os em» resários como exploradores. Mas o socialismo árabe distingue entre os empresários exploradores e os que se baseiam na justiça e no trabalho». Al-Ahram (diário oficial egípcio), 4/8/61.



Apesar de tudo isto, o fundamentalismo não consegue desenvolver uma base de massas na maioria dos países islâmicos. Não têm um verdadeiro projeto para resolver os problemas e as crises das economias. Crescem apenas com a corrupção e o crime, com métodos fascistas e bárbaros. Os chamados liberais e democratas burgueses que se insurgem contra o perigo do fundamentalismo são os mesmos que criaram as condições para a sua existência.

A principal fonte de financiamento do fundamentalismo islâmico vem do tráfico de drogas e de várias formas ilegais econômicas. Por sua vez, estão divididos em numerosas seitas em guerras internas: os xiitas não toleram os sunitas, os deobandis não toleram os wahhabistas, etc. As diferentes facções mafiosas também se digladiam entre si.

## Ocupações e retiradas dos EUA

Em 2000, George W. Bush chegou à presidência dos EUA com uma estratégia de reorientação imperialista global: o *projeto para um novo século americano*. Alertou sobre o avanço da China como concorrente e sugeriu que, para se manterem como única superpotência, os EUA deveriam re legitimar a utilização das suas forças armadas no mundo – enfraquecidas desde a derrota no Vietnã – com o controle direto nas regiões com recursos que a China necessita, como no Oriente Médio e a Ásia Central.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 abriram a oportunidade de pôr em prática este plano sob o pretexto de “lutar contra o terrorismo”... criado pelos próprios Estados Unidos: a Al Qaeda e o Talibã nasceram dos *mujahidins*, treinados e financiados no Afeganistão, com Osama Bin Laden apoiado pela CIA.

Em 2002, os EUA invadiram e ocuparam o Afeganistão e, em 2003, o Iraque. Massacraram milhões de pessoas, destruíram a infraestrutura e

incentivaram os conflitos étnicos. No final, após fracassarem em seus objetivos, retiraram-se do Iraque em 2007 e do Afeganistão a partir de 2011, deixando o mesmo Talibã no poder em 2021, que haviam utilizado como justificativa para a invasão.

Entre 2010 e 2012, eclodiu a Primavera Árabe, derrubando regimes ditatoriais em vários países.

A retirada dos EUA da região permitiu um relativo reforço das potências regionais, como o Irã e a Turquia, e uma maior influência russa. A Turquia invadiu o norte da Síria para atacar o povo curdo – que oprime em sua fronteira – e apoiou o ISIS, que passou a controlar regiões do Iraque e da Síria. O Irã, por sua vez, posicionou-se como a principal força regional, juntamente com os seus aliados xiitas no Líbano e no Iêmen. Em 2019 e 2020, uma nova oportunidade da Primavera Árabe abalou a região, com rebeliões no Líbano e no Iraque e uma greve geral com mobilizações em massa no Irã em 2023.

No mesmo momento do início das negociações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita para *normalizar* as relações com Israel, aconteceu a incursão do Hamas a 7 de outubro e o início do novo genocídio sionista.

## SÍRIA, NOVAMENTE EM CONFLITO

Em 1945, a Síria arrancou sua independência do domínio francês. Após vários golpes de Estado, de 1958 a 1961 formou a República Árabe Unida com o Egito e de 1961 a 1963 consolidou-se separadamente. Até 2011, foi governado pelo partido Baath, que lidera a Frente Nacional Progressista. Sob sucessivos governos, a família al-Assad manteve a presidência: de 1970 a 2000, o general Hafez al-Assad e, desde então até sua queda este ano, o seu filho, o ditador Bashar al-Assad, então apoiado pela Rússia e pelo Irã.

Em 2011, no calor da Primavera Árabe, registraram-se fortes protestos contra sua ditadura. Al-Assad reprimiu ferozmente e deu início a uma guerra civil, que levou ao exílio 5 dos 23 milhões de habitantes. Os setores rebeldes, inicialmente independentes, passaram a ser influenciados e financiados pelos EUA. Destaca-se também o ISIS, finalmente derrotado em 2022. Al-Assad ficou com o controle de 70% do território e os rebeldes com 30%. Em novembro, os rebeldes retomaram as ações armadas em Alepo, a segunda cidade do país (*confira a posição da LIS sobre a queda de al-Assad na página 6*). ☣



# PRIMAVERA ÁRABE: uma rebelião popular com TAREFAS PENDENTES

POR CHAIAA AHMED BABA BEIRUK E RUBÉN TZANOFF

**A revolta no mundo árabe deixou contradições e lições. As causas profundas das explosões e as consequências do genocídio sionista alertam os poderosos para possíveis repetições. A escolha entre socialismo ou barbárie coloca os revolucionários perante oportunidades e desafios imediatos e estratégicos.**

## ORIENTE MÉDIO E MAGREBE: MUITO MAIS DO QUE VIZINHOS

A atenção de amplos setores do mundo está centrada na rejeição ao genocídio de Israel contra Gaza e na sua escalada no Oriente Médio. Quando se fala do mundo árabe, a outra referência também é o Magrebe<sup>1</sup>. Ambas as regiões, incluídas na denominação MENA<sup>2</sup>, colorem uma tapeçaria de intrincadas relações econômicas, políticas e sociais, contornadas ao longo de séculos de coexistência, na paz e na guerra, entre lealdades e traições. Estes laços são tecidos pela língua, pela

cultura muçulmana e por uma longa história de luta. É neste contexto que surge, em toda a sua dimensão, a Primavera Árabe (2010-2012), o primeiro fenômeno de rebelião massiva do século XXI, que teve como protagonistas os povos árabes.

### O SUICÍDIO DE MOHAMED BOUAZIZI

A explosão social começou na pequena cidade de Sidi Bouzid, na Tunísia, em 17 de dezembro de



Zona  
MENA  
no mapa



2010. Nesse dia, o jovem Mohamed se suicidou em protesto em protesto contra o confisco da sua banca de frutas e a humilhação infligida por autoridades municipais, por reclamar. A decisão dramática do humilde vendedor ambulante, pelo suicídio foi uma expressão de desespero pessoal e, ao mesmo tempo, um ato de repúdio pela injustiça e pela ausência de futuro.

## UM SURTO DE REBELIÕES

Rapidamente se tornou claro que a indignação de Bouazizi também foi um sentimento de milhões de pessoas. Com seu sacrifício, conduziu-se um processo revolucionário com manifestações, greves e rebeliões. Espalharam-se na esperança de conquistar melhores condições de vida sob o lema “*o povo quer...*”, que se completava com emprego, salários, saúde, educação, igualdade e liberdade.

Sob este impulso, caíram governantes entrincheirados no poder durante décadas, como Zine el Abidine Ben Ali, que governou a Tunísia (1987 a 2011), Hosni Mubarak, governante do Egito (1981 a 2011), Muammar al-Gaddafi, líder da Líbia (1969 a 2011), e Ali Abdullah Saleh, que governou o Iêmen (1990 a 2012). Com intensidade e consequências variáveis, as ações manifestaram-se em 2011 no Líbano por causa da crise econômica, da corrupção e das decisões não democráticas do poder. Também na Argélia, Iraque, Jordânia, Marrocos, Barém, Kuwait, Omã, Síria, Palestina, Sudão, Saara Ocidental e Mauritânia. Vale destacar que toda violência repressiva causou a morte de pelo menos 61 mil pessoas.

## UMA NOVA PRIMAVERA ÁRABE

As sementes de luta espalhadas durante a primeira revolta germinaram com a nova Primavera Árabe (2018 até hoje) que se espalhou pela Tunísia, Jordânia, Sudão, Argélia, Egito, Iraque, Líbano, Palestina, Síria, Marrocos e Omã<sup>3</sup>.

Os protestos molharam as barbas dos mulás e do regime reacionário no Irã. Primeiro, com o aumento do preço dos combustíveis, em novembro de 2019 e, posteriormente, com a morte de Mahsa Amini, depois de ter sido detida e espancada pela polícia da moralidade por não usar o *hijab*<sup>4</sup> (setembro de 2022). As mulheres desempenharam um papel ativo na região, reforçada pelo impulso da quarta onda feminista mundial, mostrando que existe uma interação entre os movimentos, que aprendem uns com os outros e se alimentam das experiências internacionais.

## NO CALOR DA MUDANÇA DA SITUAÇÃO MUNDIAL

A Primavera Árabe viu a luz do dia, dois anos após o início da crise sistêmica do capitalismo, em 2008. Ou seja, a partir de grandes mudanças na situação mundial. E a nova Primavera Árabe sincronizou-se com a intensificação das lutas mundiais: “*Houve uma mudança de enorme magnitude. Em diferentes regiões do mundo, os trabalhadores e os excluídos estão se revoltando contra os seus governos e regimes políticos. Na vanguarda das rebeliões e revoluções em curso estão os jovens, abandonados pelo sistema capitalista em decadência. É muito mais do que uma nova conjuntura: estamos assistindo a uma mudança na situação mundial*

<sup>5</sup>”.

## O SISTEMA CAPITALISTA É UMA PLAGA

Existem veículos de comunicação que, em referência às redes sociais, utilizam expressões como *Revolução do Facebook* ou *Primavera Árabe 2.0*, para se referirem à nova Primavera Árabe. É insensato negar a influência das plataformas virtuais nos processos sociais e políticos contemporâneos, mas, da mesma forma, também é insensato atribuir a estas, as causas das explosões, que estão, na realidade, nas condições materiais de vida do povo trabalhador árabe.

As sociedades da região podem ser descritas em três palavras: pobreza, desigualdade e precariedade. A grande maioria da população sofre com a miséria, o desemprego estrutural, baixos salários, informalidade e a falta de acesso a serviços essenciais. Em contrapartida, uma minoria de monarcas, burgueses e seus bajuladores banhados em riquezas. Na ocasião dos protestos, a região registrava taxas de crescimento per capita inferiores às de outras partes da Ásia e da África, além do recorde mundial no desemprego de jovens.

O pacote de pragas é complementado pelas instituições corruptas e autoritárias administradas pelos partidos nacionalistas de direita e de extrema direita, pelos reis e pelos fundamentalistas islâmicos. Em última instância, a raiz dos problemas reside no sistema capitalista que, em crise, torna-se cada vez mais explorador, opressivo e saqueador.

## UM PROCESSO DE LONGO PRAZO

A palavra “*Primavera*” sugere um episódio efêmero, mas foi um processo de longo prazo, com dinâmicas polarizadoras, mudanças revolucionárias e inconclusivas. Numa avaliação geral, a rebelião conseguiu derrotar e/ou enfraquecer governos e regimes, arrancando concessões econômicas e políticas parciais. Por exemplo, a convocação de eleições para as autoridades e reformas constitucionais com continuidade jurídica. Mas as exigências profundas não foram satisfeitas pelos governos, deixando uma questão: o que acontecerá se os ataques sionistas continuarem ou forem interrompidos? As respostas dependem de fatores tão variados que é arriscado fazer um prognóstico preciso. Mas a magnitude dos acontecimentos sugere que, nada na região voltará a ser como antes.

Uma parte significativa da população, especialmente da juventude, assumiu como bandeira a causa palestina, uma causa da *dignidade nacional* antissionista e anti-imperialista, mesmo em oposição aos governos dos seus países. Este fato, associado à problemas democráticos e sociais não resolvidos, faz com que os governantes tenham medo do ressurgimento de uma terceira *primavera*, que os joguem no centro da tempestade. Por isso, atuam em conformidade, restringindo os protestos contra o genocídio executado por Israel-EUA.

## IMPERIALISTAS, TRAIDORES E FUNDAMENTALISTAS

As disputas imperialistas atuam sobre os processos e movimentos sociais, desenvolvendo políticas diferentes, de acordo com os seus próprios interesses. Foi o que fizeram na Líbia quando, aproveitando-se da revolta contra al-Gaddafi, a OTAN formou uma coligação aérea para atacar o ditador e intervir militarmente na região. O mesmo se repetiu com a intervenção política nos processos, consoante ao grau de proximidade



ao poder vigente. Neste sentido, a *Primavera* confirmou que, a presença imperialista não traz democracia, desenvolvimento ou humanitarismo, mas procura reforçar os parceiros e gendarmes para conter, canalizar ou esmagar as revoluções dos povos árabes.

Os governos árabes estão repletos de traidores do povo: Mohammed bin Salman, Príncipe Herdeiro da Arábia Saudita; Abdullah II bin Al Hussein, Rei da Jordânia; e Mohammed VI, Rei de Marrocos, partilham a lista com outros monarcas com quem devemos confrontar. Organizações fundamentalistas como o Hamas, o Hezbollah e o ISIS, com as quais temos diferenças, também ganharam poder. No Oriente Médio e no Magrebe, há inimigos poderosos que precisam ser enfrentadas e lideranças nas quais não podemos confiar, o que reafirma a necessidade de criar novas direções revolucionárias.

## ENTRE CONTRADIÇÕES E PERSPECTIVAS

O movimento operário participou ativamente, com greves gerais e manifestações populares. Um exemplo foi a dos trabalhadores tunisianos, que transformaram a revolta espontânea inicial numa greve geral, como expressão nacional massiva, onde Ben Ali se demitiu e fugiu do país. No Egito, os 30 anos de Mubarak no poder caíram na sequência de grandes mobilizações e greves. Mas, no conjunto do processo, a classe operária não foi a força motriz preponderante e, embora houvesse expressões de auto-organização, como os comitês de resistência tunisianos, os organismos duais de poder eram embrionários. *“A contradição mais importante da etapa continua sendo a ausência de direções revolucionárias fortes, com influência no movimento operário, para atuar no resultado das lutas e rebeliões que se desenvolve. Isso dá uma certa margem de manobra às direções traidoras e explica*



*por que tem sido difícil obter vitórias retumbantes, além de muitos processos terem sido desviados pela reação democrática ou derrotados pela repressão estatal”<sup>6</sup>.*

## **POR NOVAS PRIMAVERAS TRIUNFANTES**

A Primavera revitalizou os desejos democráticos e sociais de milhões de pessoas na região árabe, mas não só. Sua repetição dependerá principalmente da vontade de mobilização das massas. Cabe aos revolucionários fazer os maiores esforços possíveis para o reagrupamento internacional e a construção de partidos socialistas consequentes em cada país, solidamente estruturados na vanguarda operária

e de juventude. Forjados nas lutas pelos direitos, retirados pelos governos burgueses, monarquistas e fundamentalistas islâmicos. Construindo a auto-organização independente, com um programa de transição de “pão, liberdade e justiça social”, denunciando o Estado de Israel e a intervenção imperialista na região, para construir um governo dos trabalhadores e do povo, com amplas liberdades democráticas. Estes são os objetivos estratégicos que só podem ser alcançados pela derrota do capitalismo imperialista com a revolução socialista dos povos árabes e a federação livre das repúblicas socialistas. ☀

1. Magrebe: «lugar onde o sol se põe». A parte mais ocidental do mundo árabe, no Norte da África e em grande parte islâmica. Inclui a Argélia, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Tunísia e o Saara Ocidental.
2. MENA: Médio Oriente e Norte de África.
3. Disponível em: <https://lis-isl.org/2019/03/18/notas-sobre-las-nuevas-rebeliones-arabes/>
4. Hijab: véu que cobre a cabeça e outras partes do corpo feminino, obrigatório às mulheres iranianas em público.
5. Disponível em: <https://lis-isl.org/2019/12/01/un-nuevo-ascenso-revolucionario-commueve-al-mundo/>
- 6-7. Disponível em: <https://lis-isl.org/pt/2024/01/31/dom/>

## **O Saara Ocidental e os direitos democráticos**

Em outubro e novembro de 2010, Gdeim Izik, El Aiune e Smara assistiram aos maiores protestos saaraui contra a opressão marroquina, desde que a Espanha se retirou da sua antiga colônia, em 1975. O regime de Mohamed VI respondeu com uma repressão brutal. Estes acontecimentos foram anteriores ao suicídio de Mohamed Bouazizi na Tunísia, mas podem ser vistos como parte do prelúdio da Primavera Árabe. Respeitando as distâncias, existem elementos em comum com os protestos palestinos de 2012 contra a precarização das condições de vida sob o governo da Autoridade Nacional Palestiniana.

O povo saaraui, sob ocupação e a Frente Polisário, é a espinha dorsal da sua vida social e política enquanto nacionalidade oprimida. Lutam pelo reconhecimento da República Árabe Saaraui Democrática (RASD), com integridade territorial e direito à autodeterminação. Resistem com armas nos locais de conflitos militares, mantêm a sua identidade nas cidades e aldeias ocupadas, organizam-se nos campos de refugiados de Tindouf e constroem mobilizações de solidariedade no exílio. Enfrentam ao saque de seus recursos em terra e no mar, como fizeram em 2020 contra o bloqueio da passagem de Guerguerat e a reivindicação triunfante perante o Tribunal de Justiça da União Europeia pela anulação dos acordos comerciais agrícolas e de pesca entre a UE e

o Marrocos.

No plano diplomático, exigem o cumprimento da Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO), rejeitam as propostas mentirosas de “autonomia” do rei marroquino e de divisão territorial do enviado especial da ONU, Staffan de Mistura, favorável ao imperialismo ocidental que propõe uma “solução mutuamente aceitável” entre a RASD e o Marrocos. O único caminho para uma paz justa e duradoura é pela via da mobilização unificada dos trabalhadores e dos povos africanos e árabes por um Saara livre. Com solidariedade internacional e em sintonia com a resistência da Palestina e do Líbano, contra o Estado de Israel. Por uma solução socialista aos povos árabes.

A LIS apoia a luta pela autodeterminação da nação saaraui, com o objetivo do socialismo a todos os povos árabes e africanos. Por isso, abraçamos esta causa no Congresso Pan-Africano de Nairóbi, visitando os campos de Tindouf, participando nas manifestações anuais em Madri, denunciando os Acordos Tripartidos, com o qual a Espanha entregou o Saara Ocidental ao Marrocos e à Mauritânia. E continuaremos construindo ações solidárias.



**Aponte seu aparelho para o QR Code e leia mais sobre o Saara Ocidental**



# Mil dias da agressão russa contra a Ucrânia: EM DEFESA DO MARXISMO!

POR OLEG VERNYK

O dia 19 de novembro de 2024 foi uma data triste para o povo ucraniano: mil dias do início da agressão em grande escala do imperialismo russo contra a Ucrânia. É evidente que a linguagem dos números não pode traduzir completamente o furacão avassalador na vida de milhões de pessoas, que enfrentaram a maior catástrofe europeia desde a Segunda Guerra Mundial. Apesar disso, a linguagem dos números nos ajuda a entender o contexto dos problemas da atual guerra russo-ucraniana

- Nestes mil dias, os combates cobriram cerca de 109.059 km<sup>2</sup>, 18% de todo o território ucraniano. Desde 24 de fevereiro de 2022, os combates tiveram lugar no território de 11 das 24 regiões da Ucrânia. Atualmente, continuam em cinco regiões: Kharkov, Lugansk, Donetsk, Zaporizhia e Kherson. Chernihiv, Sumy, Dnipropetrovsk. Outras regiões são também regularmente atacadas com mísseis e bombas de alta precisão.
- Os 66.932 km<sup>2</sup>, 11% do território total, que os russos capturaram após o início da invasão, continuam sob ocupação. No total, desde 2014, a Rússia ocupou 10.725 km<sup>2</sup> do território ucraniano (18,3%), incluindo a República Autônoma da Crimeia e os territórios das regiões de Donetsk e Luhansk.
- De acordo com os relatórios da ONU, pelo menos 12.162 civis ucranianos foram assassinados e 26.919 foram feridos durante a

guerra em grande escala, até o final de outubro de 2024. Esses números que não incluem as mortes em Mariupol. Os russos efetuaram mais de 1.600 bombardeios de edifícios residenciais nas zonas da retaguarda e na linha de frente, matando pelo menos 2.600 civis até o dia 18 de novembro de 2024.

- De acordo com a Procuradoria-Geral da Ucrânia, pelo menos 593 crianças foram mortas, 1.686 ficaram feridas, muitas foram deportadas e foram identificadas mais de 20.000 crianças ucranianas sequestradas ilegalmente para a Rússia.
- De acordo com o *Portal de Dados Operacionais*, 6,79 milhões de ucranianos são refugiados, e a grande maioria encontrou asilo em países europeus. Outros 560.000 partiram para países da América do Norte e Latina, África, Ásia e Austrália.
- De acordo com o Gabinete do Comissário

para os Direitos Humanos, durante a invasão os russos destruíram cerca de 250.000 edifícios residenciais. Este número inclui os edifícios destruídos por bombardeios e os que foram arrastados pela água, após a destruição da central hidroelétrica de Kakhovka, em 6 de junho de 2023.

Poderia continuar durante muito tempo com estatísticas horríveis sobre a agressão imperialista russa. A linguagem dos números é impiedosa no seu veredito sobre o agressor, mas é claramente insuficiente para descrever a resistência heroica do povo ucraniano. Recordemos que, no início da agressão russa, os serviços secretos ocidentais dos países da OTAN previram que a resistência não duraria mais de uma semana.

Atualmente, há cada vez mais informações sobre o acordo entre o imperialismo ocidental e o imperialismo russo na véspera da invasão total da Ucrânia pela Rússia. Em 2014, o presidente dos EUA, Barack Obama, proibiu categoricamente

o direito do povo da Crimeia a uma verdadeira autodeterminação. Não ver, na situação de 2014, a cumplicidade óbvia do imperialismo ocidental com o imperialismo russo, é “colocar um óculos cor-de-rosa” e ignorar as comparações com os Acordos de Munique de 1938.

Em 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia lançou a ofensiva em grande escala contra a Ucrânia, o Alto Comando dos EUA tentou retirar altos funcionários do governo daquele país, para neutralizar qualquer tentativa de organizar a resistência. No entanto, na primavera de 2022, foi a resistência do povo ucraniano contra a ocupação russa que se tornou o fator decisivo para repelir a “blitzkrieg”<sup>1</sup>, e não as ações do alto comando burguês de Zelensky e do seu “parceiro” estadunidense. Foi a resistência popular nacional que forçou o imperialismo ocidental a fornecer armas e ajuda financeira à Ucrânia no verão-outono de 2022. Esta ajuda foi e continua sendo insuficiente, uma vez que o imperialismo ocidental está em pânico com uma derrota militar do imperialismo russo.



Já há algum tempo que os analistas argumentam que a ideia básica por trás da ajuda militar dos EUA e da Europa à Ucrânia é fornecer armas nas quantidades necessárias para garantir que a Ucrânia não perca a guerra e, ao mesmo tempo, não a ganhe. A equipe de Donald Trump, eleito e no poder nos EUA, já declarou que sua principal tarefa é destruir a aliança político-militar entre a Rússia e a China e arrastar a Rússia para seu lado. É claro que isso só pode ser feito à custa de concessões a Putin, ou seja, à custa da divisão da Ucrânia e da ocupação de uma parte significativa do seu território.

Neste ponto da análise, é importante lembrar que, em nível mundial, o imperialismo continua a existir em sua complexa dialética de unidade e luta entre opositos que coexistem simultaneamente. Qualquer agravamento das contradições interimperialistas também dá origem a várias manifestações de unidade imperialista. A unidade dos imperialistas é tanto mais forte quanto mais forte é a unidade da classe operária contra um capitalismo destruidor e, é aí que o imperialismo tem mais medo da ameaça de uma nova e qualitativa *primavera de nações* mundial. O imperialismo ocidental tem medo de qualquer perspectiva de queda do regime de Putin, do caos e da desintegração da Federação Russa, caso haja derrota na guerra com a Ucrânia, pois

(“não recomendou”) que as autoridades ucranianas pós-Maidan oferecessem resistência armada ao exército russo na ocupação da Crimeia. Mais tarde, em 2023, Obama tentou justificar sua política com o número significativo de pessoas pró-russas na Crimeia. O imperialismo russo, tradicionalmente, enviou tropas e apoderou-se de todas as instalações estratégicas na Crimeia, expulsando as unidades ucranianas sem resistência, sob a garantia dos EUA, e posteriormente organizou um pseudo-referendo sobre a “anexação da Crimeia à Rússia”. Mesmo de acordo com o direito internacional burguês, os referendos realizados sob ocupação militar não têm força legal, ou seja, os resultados não têm validade. Com a ocupação, Putin anulou

isso provocaria uma onda de movimentos de libertação nacional dos povos oprimidos que provavelmente seguiriam a versão socialista de seu desenvolvimento.

## A SITUAÇÃO NA LINHA DA FRENTE DA GUERRA RUSSO-ÚCRANIANA

A partir do início de 2024, o exército de ocupação russo prosseguiu sua ofensiva na região de Donetsk, tentando capturá-la completamente, como já tinha feito anteriormente com a região de Luhansk. Em 30 de outubro de 2024, a grande cidade mineira de Selydove foi finalmente capturada. Durante muitos meses, a cidade foi defendida, entre outros, pelos heroicos resistentes mineiros da nossa organização sindical *Proteção do Trabalho* na empresa Selydove-Ugol.

O exército ucraniano, numa situação de grave escassez de armas e de combatentes, foi forçado a recuar. Apenas no mês de outubro de 2024, as tropas russas ocuparam mais de 470 km<sup>2</sup> no leste da Ucrânia. Um pouco antes, em agosto de 2024, as tropas ucranianas tentaram tomar a iniciativa estratégica com um forte ataque à região russa de Kursk, obrigando o exército russo a transferir parte das suas forças e recursos da região de Donetsk. No entanto, este objetivo não se concretizou. Embora o exército ucraniano tenha capturado mais de 1.200 km<sup>2</sup> em Kursk, o exército russo nunca deslocou as suas unidades ativas da frente de Donetsk e continuou a sua ofensiva nessa região. As tropas ucranianas foram forçadas a se defenderem na região de Kursk e, atualmente, não controlam mais do que 600 km<sup>2</sup>.

A situação na linha da frente não é muito afetada pelos ataques mútuos de mísseis das partes em conflito. A administração do Presidente derrotado dos EUA, Joe Biden, no contexto de sua disputa eleitoral com o recém-eleito Presidente republicano Trump, autorizou a Ucrânia a utilizar mísseis balísticos ATACMS de longo alcance dos EUA, para atacar alvos militares em território russo. O número desses mísseis, em posse da Ucrânia, é insignificante e é improvável que faça qualquer diferença na situação no campo de batalha. Os tanques M1 Abrams ou os Aviões F-16, também não fizeram uma diferença significativa. Estes fornecimentos são tão escassos, que servem mais para propaganda do que uma mudança significativa na linha da frente.

Ao mesmo tempo, Putin aproveitou o contexto

propagandístico da autorização dos EUA, da Grã-Bretanha e da França, para que os seus mísseis entrassem em território russo e utilizar, pela primeira vez, o novo sistema de mísseis de médio alcance Oréshnik (*avelã*, em russo) contra a cidade de Dnipro, em 21 de novembro de 2024. Ambas as partes intensificaram o confronto armado. Por sua vez, Putin utilizou o lançamento do míssil, capaz de transportar armas nucleares, para intimidar a comunidade mundial, com a ameaça da guerra russo-ucraniana poder se transformar num conflito nuclear internacional e desencadear a Terceira Guerra Mundial.

É evidente que a situação na sociedade ucraniana mudou muito em relação a 2022. A revolta patriótica daquele ano está gradualmente



perdendo lugar para o cansaço e a desilusão. É importante observar que esta desilusão do povo ucraniano não se refere à ideia de resistência contra a agressão russa, mas às ações de seu próprio governo burguês. Depois de 2022, quando a resistência a Putin e à agressão russa era realmente popular e nacional, começou e gradualmente a se formar uma camada social em torno do poder corrupto de Zelensky, que não só se adaptou à guerra, como se beneficiou, aprendendo a ganhar muito dinheiro.

Após quase três anos de guerra em grande escala, a sociedade ucraniana habituou-se a assistir a

1. Guerra relâmpago ou Ataque surpresa, como o ocorrido em 06/08/2024, quando soldados e blindados e ucranianos cruzaram a fronteira da Rússia, chegando a controlar mil quilômetros quadrados do seu território, com a fuga de 130 mil moradores da região, alcançando mais de 40 aldeias de Kursk. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/ucrania-faz-ataque-surpresa-a-russia-conseguira-tirar-vantagem-da-situacao>

escândalos intermináveis relacionados com o roubo de dinheiro do orçamento, decidido pelo andar de cima para quase tudo: compra de alimentos para o exército, construção de fortificações defensivas, transferência de fundos do Ministério da Defesa ao exterior, etc. O país foi recentemente abalado por escândalos de corrupção relacionados aos chamados Centros de Recrutamento Territorial. As agências para mobilizar os ucranianos revelaram-se literalmente uma concentração mafiosa que, em troca de subornos, liberta uma parte do exército (geralmente representantes da



classe burguesa) e, muitas vezes violando todas as leis, envia à linha frente da batalha representantes da classe trabalhadora que, em condições de guerra e de pobreza total, não têm dinheiro para pagar subornos.

A elite burguesa-burocrática corrupta tem defendido o governo de Zelensky e continuará defendendo, porque, para estes, significa a garantia de continuidade da guerra e dos lucros. É evidente que o principal fardo da guerra, sob condições de corrupção e roubo em todos os escalões do poder burguês ucraniano, recai sobre os ombros da classe trabalhadora, tanto daqueles que se vestem para a mobilização com “sobretudos” militares, como aos setores da classe trabalhadora que trabalham abnegadamente na retaguarda.

## EM DEFESA DA ANÁLISE MARXISTA

A análise da agressão imperialista funciona como uma prova de fogo para a esquerda internacional. As reflexões, a aplicação do método marxista, bem como os paradigmas morais e éticos para avaliar a situação revelaram-se muito diferentes e, por vezes, até diametralmente opostos. O axioma

marxista de que a consciência não acompanha frequentemente a evolução da existência foi mais uma vez confirmado.

Infelizmente, a transformação qualitativa e a complexidade do mundo imperialista, com a emergência de novos imperialismos, jovens e agressivos, como a Rússia e a China, não foram adequadamente refletidas e analisadas por um número considerável de organizações da esquerda. Fórmulas prontas e clichês de análise tradicionais, em grande parte obsoletos, foram aplicados tanto à situação mundial radicalmente diferente como aos conflitos interimperialistas agravados.

A LIS não nega o domínio planetário do imperialismo estadunidense, mas ignorar a dinâmica de sua transformação e enfraquecimento significativo à escala global é cometer um autoengano, fazer uma análise falsa e também enganar a classe trabalhadora mundial.

A fuga das tropas estadunidenses do Afeganistão e do Iraque, o deslocamento das tropas francesas do Norte e Centro de África por unidades militares russas, a política externa abertamente pró-russa de dois países da OTAN (Hungria e Eslováquia), a política externa independente de outro país membro da OTAN (Turquia), a impotência do imperialismo estadunidense sobre a situação na Venezuela e em Cuba e a crescente presença da China e da Rússia nesses países, são fatores sujeitos a uma análise mais cuidada de complexidade e dinâmica. Mas é evidente que o imperialismo dos EUA, o imperialismo ocidental em seu conjunto e o seu bloco político-militar da OTAN estão enfraquecidos e atravessam momentos difíceis.

Nesta situação, qualquer análise campista na esquerda assume características ameaçadoras ao desenvolvimento da autonomia e da política independente da classe trabalhadora mundial. O apoio ao imperialismo russo ou chinês pela fórmula “*o inimigo do meu inimigo é meu amigo*” ou no quadro do tradicional “antiamericanismo” de muitas organizações de esquerda não só é categoricamente inaceitável para nós, como também prejudicial às perspectivas da esquerda.

Não é de surpreender que o campo stalinista tenha apoiado quase 100%, direta ou indiretamente, o ataque imperialista da Federação Russa (o segundo maior exército e o segundo mais armado do mundo, com armas nucleares) contra uma Ucrânia debilitada e dependente.

Recordemos que a Ucrânia ficou muito enfraquecida militarmente após 1994, quando,

sob a pressão simultânea e sincronizada do imperialismo russo e ocidental, foi forçada a assinar o chamado Memorando de Budapeste. De acordo com este documento, todas as armas nucleares localizadas no território ucraniano foram transferidas para a Rússia, bem como, todos os suportes de armas nucleares (mísseis de longo alcance e aviação estratégica). São precisamente estes mísseis e aviões transferidos que estão agora destruindo o povo ucraniano e sua resistência.

A reação dos stalinistas à agressão armada do imperialismo russo era de se esperar, uma vez que o campismo é bem conhecido. Mas o que realmente é preocupante, é que, várias organizações, que se reivindicam da tradição trotskista, se encontraram no mesmo campo que os stalinistas. Não enumeraremos estas organizações, são conhecidas em todos os países, mas, quaisquer que sejam os argumentos que utilizem para encobrir a capitulação teórica e política ao campismo, coincidem em duas questões: primeiro, o desprezo total ao direito do povo ucraniano à independência e soberania; segundo, a cumplicidade com a agressão imperialista russa.

Nos últimos tempos, a tese-chave do campismo tem sido a seguinte: “*uma verdadeira guerra defensiva de libertação nacional só é possível com a tomada do poder pelo proletariado e sob a direção de um partido revolucionário. Se o proletariado não estiver no poder num país sob agressão imperialista, então qualquer apelo à resistência por parte desse país só fará o jogo da burguesia desse país, e não do seu proletariado*”. Em outras palavras, a política pelo abandono da resistência ao ataque imperialista é disfarçada num belo embrulho retórico pseudo-marxista, com a rejeição do princípio leninista de apoio incondicional à autodeterminação e ao direito ao desenvolvimento independente de todas as nações do planeta.

Ser verdadeiramente internacionalista significa não fechar os olhos à opressão nacional e apoiar, de todas as formas possíveis, a luta de libertação nacional dos povos oprimidos ou sujeitos à agressão imperialista. Os marxistas revolucionários compreendem a relação dialética entre a forma nacional de opressão e a forma básica de opressão: a opressão de classe. Mas também compreendemos perfeitamente que, sugerir aos trabalhadores que só devem lutar pelo poder proletário e mentir-lhes que o poder proletário por si só resolverá automaticamente todos os outros problemas de desigualdade, opressão e exploração que

acompanham o mundo do capital, é enganar as massas proletárias!

É sugerir que os hindus do século XIX lutem pelo poder proletário e não oferecessem resistência à agressão do Império Britânico; ou, sugerir que os revolucionários da Irlanda renunciem à resistência contra os invasores britânicos, sob o pretexto de que o proletariado irlandês ainda está longe de tomar o poder; ou ainda, sugerir que os revolucionários poloneses do século XIX abandonassem a resistência aos ocupantes czaristas/russos e dirigissem o potencial de resistência unicamente contra os seus senhores feudais (*shlyahtychy*); e mais, sugerir que os revolucionários palestinianos, curdos, catalães, bascos, saarauios e muitos outros abandonem as palavras de ordem da autodeterminação e de independência dos seus povos com o argumento



de que ainda não é o partido proletário que está no poder nos seus países.

Diferente disso, Karl Marx condenou o “*domínio britânico na Índia*” e apoiou a resistência do povo indiano, mesmo que não fosse sob as palavras de ordem proletárias e fosse dirigida pela elite da casta feudal. Marx não convocou os hindus a voltarem as armas contra os seus brâmanes e a abandonarem a resistência aos invasores britânicos. Na Polônia, Marx e Engels foram consequentes e apoiaram a revolta contra o regime czarista, não conclamaram, cinicamente, os rebeldes poloneses para que “*virassem as armas*” contra os seus senhores feudais. Sobre a Irlanda, a posição é mais um reflexo do espelho! Os clássicos são excelentes para estabelecer as prioridades do momento e

analisar os processos sociais na sua lógica interna e na sua dinâmica de desenvolvimento.

A conclusão é simples: a libertação de classe não pode ser alcançada numa situação de opressão nacional contínua e de ataques imperialistas aos direitos e interesses legítimos dos povos que lutam pela sua independência e soberania.

A mais recente tentativa do campismo em apoiar a agressão imperialista russa está ligada a um apelo profundamente falso ao legado da chamada “esquerda Zimmerwald” do modelo de 1915-1917 e aos seus apelos a *Não aos créditos de guerra! Não ao apoio aos seus governos na guerra imperialista!* Só os nossos opositores do campismo, profundamente enganadores e anti-históricos, esquecem deliberadamente que estas palavras de ordem foram dirigidas pelos Zimmerwaldistas à classe trabalhadora dos Estados imperialistas em guerra!

Na pequena Sérvia, atacada pelo Império Austro-Húngaro, o contexto da análise era diferente. Na sua famosa obra *O oportunismo e falência da Segunda Internacional* (1916), Vladimir Lenin observou que “*Na guerra atual, o elemento nacional é representado apenas pela guerra da Sérvia contra a Áustria (que, a propósito, foi registrada na resolução da Conferência de Berna do nosso partido). É somente na Sérvia e entre os sérvios que podemos encontrar um movimento de libertação nacional ‘de massas’ de longa data e com milhões de membros, cuja guerra da Sérvia contra a Áustria é uma ‘continuação’. Se essa guerra fosse isolada, ou seja, se não estivesse ligada à guerra geral europeia, aos objetivos egoístas e predatórios da Grã-Bretanha, da Rússia etc., seria dever de todos os socialistas desejar o sucesso da burguesia sérvia – essa é a única conclusão correta e absolutamente inevitável a ser tirada do elemento nacional na guerra atual*”. Como é sabido, a recusa de Lenin em apoiar a Sérvia estava, em última análise, relacionada especificamente ao fato da Sérvia, em 1914, ter aderido ao bloco imperialista da Entente e de os principais exércitos que o compunham (Grã-Bretanha, França, Rússia e Itália) já estarem diretamente envolvidos em operações militares no território da Europa.

## O QUE VEMOS NA SITUAÇÃO DA AGRESSÃO IMPERIALISTA RUSSA CONTRA A UCRÂNIA, QUE ENTROU NA SUA FASE MAIS FEROZ EM 2022?

1. A OTAN tem rejeitado consistentemente aos pedidos de Zelenski para que a Ucrânia entre na aliança.

2. A OTAN tem evitado consistentemente o envolvimento direto na guerra contra a Rússia.
3. A OTAN limita significativamente o fornecimento de armas à Ucrânia ao mínimo, que considera suficiente para evitar a derrota da Ucrânia, mas insuficiente para derrotar o agressor.

Esta combinação de fatores desmente a mitologia do campismo de que o imperialismo da OTAN está combatendo o imperialismo russo.

A LIS tem repetidamente assinalado que, se o imperialismo ocidental como um todo e o seu bloco político-militar, a OTAN, entrarem diretamente em guerra contra o imperialismo russo, a situação mudará radicalmente em nossa análise. Faremos um chamado imediato a derrotar ambos os blocos imperialistas e à transformação da guerra imperialista numa revolução proletária mundial. Mas, por enquanto, a possibilidade da OTAN entrar na guerra russo-ucraniana não parece ser a mais provável.

Há quase três anos que o povo ucraniano resiste quase sozinho ao imperialismo russo. Muitas vezes, quando a resistência é efetiva, não é graças ao governo burguês ucraniano, mas acontece apesar dele. É importante que os marxistas revolucionários participem diretamente no movimento de resistência anti-imperialista, não para ajudar a sua burguesia a libertar-se dos ataques da burguesia estrangeira, mas, precisamente, para expor incansavelmente a sua burguesia às massas trabalhadoras nesta luta, que é parte integrante da luta de classes, para expor a sua incoerência e a traição aos verdadeiros interesses nacionais.

Só participando diretamente na luta de libertação nacional das massas contra o invasor estrangeiro é que a vanguarda proletária será capaz de trilhar o caminho espinhoso de desmascarar a sua burguesia. Retirar-se desta luta leva à auto liquidação da vanguarda proletária como uma força política real.

Já passaram mais de mil dias desde que a Rússia iniciou a agressão em grande escala contra a Ucrânia. Para nós, a solidariedade internacional dos trabalhadores é o fator mais importante, no enche de esperança e nos ajuda a continuarmos vivos. A Ucrânia continua resistindo. Apesar de tudo.

# INCOERÊNCIAS e CAPITULAÇÕES no cenário mundial



A situação internacional é a prova da crise mundial do capitalismo imperialista. Existem tensões políticas e militares cada vez mais profundas com fortes atritos interimperialistas. Um mundo onde, há mais de dois anos, se desenvolve a sangrenta invasão russa contra a Ucrânia, o genocídio executado pelo Estado de Israel no Oriente Médio, as ameaças de guerra na região de Taiwan e as tensões entre as duas Coreias.

POR SÉRGIO GARCIA

A situação internacional é a prova da crise mundial do capitalismo imperialista. Existem tensões políticas e militares cada vez mais profundas com fortes atritos interimperialistas. Um mundo onde, há mais de dois anos, se desenvolve a sangrenta invasão russa contra a Ucrânia, o genocídio executado pelo Estado de Israel no Oriente Médio, as ameaças de guerra na região de Taiwan e as tensões entre as duas Coreias.

Todos estes são elementos de uma situação instável, de disputa entre potências imperialistas, entrelaçada com a crise econômica, a ascensão de forças políticas da extrema direita e o desenvolvimento da luta de classes, num mundo marcado pela polarização social e política.

Neste complexo contexto social e político intervimos com a perspectiva da esquerda

anticapitalista e socialista, e não há verdadeira política revolucionária sem começar por fazê-la corretamente perante os grandes fatos da luta de classes, as guerras de diferentes tipos que marcam a situação e também, com uma posição correta e independente sobre os diferentes campos imperialistas que lutam pelo domínio mundial.

Essa conjuntura de crises profundas, guerras e disputas globais põem à prova as forças imperialistas com seus exércitos, os partidos políticos tradicionais e as forças emergentes. É também uma prova de fogo para a esquerda, mostrando que algumas organizações não estão à altura do desafio político desta realidade. Uma dessas é a corrente internacional Fração Trotskista (FT), orientada a partir da Argentina pelo Partido dos Trabalhadores Socialistas (PTS), que vem cometendo uma série de



importantes erros políticos e de caraterização, que as levam a capitulações em diversas formas.

## O ABANDONO DO DIREITO À AUTODETERMINAÇÃO

Desde o início da invasão russa na Ucrânia, o povo e a classe trabalhadora ucranianos têm dado provas de heroísmo e sacrifícios na defesa do seu território, das suas cidades e das suas vidas, perante uma potência invasora e uma das principais potências militares do mundo: a Rússia de Putin, que desempenha um papel claro de gendarme e agressor imperialista em toda a região do Leste Europeu e parte da Ásia.

Sobre esta invasão, combinam-se dois processos e, portanto, dois importantes eixos políticos. O primeiro e essencial é sempre denunciar os invasores, não só, mas também defender a derrota política e militar, sendo militante ativo pela autodeterminação do povo ucraniano com políticas de solidariedade à resistência popular. Essa política, é claro, deve ser feita a partir de uma posição independente e de oposição ao governo de Volodymyr Zelensky, de todos os planos da OTAN e do imperialismo ocidental. Precisamente, para melhor os enfrentar, a esquerda na Ucrânia teve e tem de fazer parte da luta pela autodeterminação e em defesa do território ucraniano e, as organizações internacionais devem se colocar à disposição dessa luta e das suas necessidades.

Infelizmente, há mais de dois anos que a Fração Trotskista virou as costas para essa luta, escondendo-se atrás de declarações genéricas que criticam a invasão russa, sem levantar um dedo na ajuda para derrotar essa invasão. Assim, na prática, é a coisa mais concreta que para os marxistas, favorecem o invasor. A tal ponto que as únicas ações concretas da FT foram de fazer oposição ao envio de armas

para a Ucrânia, ou seja, vangloria-se de ajudar a enfraquecer a defesa militar do país invadido, esquecendo que não pode haver neutralidade numa guerra entre uma potência invasora e um país semicolonial invadido, que precisa de uma política concreta de apoio material num conflito militar.

Esta política errada prossegue, apesar das dificuldades e desvantagens militares que o povo ucraniano é obrigado a suportar. Até uma companheira do PTS o reconhece quando escreve: *“O fator determinante continua sendo a fragilidade do exército ucraniano e a crise de estratégia dos Estados Unidos e das potências europeias que lideram a Ucrânia através da OTAN. As forças ucranianas já estavam sob forte pressão ao longo dos mais de 1.100 quilômetros da linha de frente, muito antes da Rússia lançar esta ofensiva. Sua capacidade, até mesmo defensiva, vem recuando desde a contraofensiva fracassada na primavera de 2023. Não possuem munições, armas, soldados ou engenheiros suficientes para desenvolver um sistema de trincheiras que lhes permitiria resistir à ofensiva russa.”*<sup>1</sup>.

## NÃO HÁ TERCEIRA GUERRA MUNDIAL, MAS SIM O ABANDONO DO PAÍS INVADIDO POR UM IMPÉRIO.

Em algumas declarações da corrente internacional do PTS e em artigos publicados nos seus sites, afirma-se que ainda não estamos numa guerra mundial aberta: *“Embora ainda não haja uma disputa (militar) aberta pela hegemonia, ou seja, não estamos nos primórdios da «terceira guerra mundial», abriu-se um interregno no qual predominam fenômenos transitórios próprios de estágios em que a relação de forças ainda está indefinida. Quanto tempo isso durará dependerá, em última instância, do desenvolvimento e do resultado da luta de classes”*<sup>2</sup>.

No entanto, esta corrente não retira qualquer política correta da sua própria caraterização. Se não estamos enfrentando uma Terceira Guerra Mundial aberta, o direito à autodeterminação da Ucrânia deve ser um ponto central da política, como sempre foi em toda a história do movimento revolucionário.

Vale a pena recordar o exemplo de Lenin sobre a Sérvia invadida pelo Império Austro-Húngaro. Como esse episódio rapidamente se transformou na Primeira Guerra Mundial imperialista, Lenin explicou que o eixo era a luta contra todas as potências em conflito e o derrotismo, e que, naquele contexto de guerra internacional, a autodeterminação da Sérvia, que era muito importante, foi infelizmente posta em segundo plano. Mas isso foi o que

Lenin disse quando já havia uma guerra mundial imperialista. Agora não há, a Fração Trotskista sabe e entende que não há, mas continua não tomando partido do povo ucraniano e do seu direito à autodeterminação. Trata-se de uma capitulação total e do abandono de um princípio marxista nas guerras nacionais pela autodeterminação e aos direitos dos povos invadidos.

Porque nesta guerra, o fato dos EUA e da OTAN estarem certamente intervindo não no terreno com as suas próprias tropas, mas indiretamente enviando armas, dinheiro e apoio a Zelenski, não elimina a necessidade de lutar pela autodeterminação do país invadido; na verdade reforça a necessidade de fazê-lo de uma forma muito crítica e independente de todas estas potências imperialistas e do governo ucraniano. De fato, essas mesmas potências, ainda mais agora com a vitória de Trump nos EUA, vão reavaliar o quanto e como irão se envolver. Hoje é entre o uso de armas de longo alcance em território russo e as declarações de Trump para acabar com a guerra. Veremos como tudo se desenvolve.

Neste contexto, os nossos camaradas da Liga Socialista Ucraniana sempre tiveram uma política ativa de luta pela sua autodeterminação, independentemente de todo o imperialismo. Foi por isso que afirmaram há meses: “*Para nós, continua sendo completamente óbvio que, enquanto o exército russo de ocupação permanecer em solo ucraniano, nada mudará em nossa palavra de ordem ‘derrota da Rússia imperialista e defesa da Ucrânia’.* É interessante notar que, para o imperialismo ocidental, o ataque ucraniano à região de Kursk também foi inesperado. Os representantes oficiais dos países membros da OTAN foram obrigados a realizar consultas com a parte ucraniana sobre esta situação. O exército ucraniano utilizou abertamente veículos blindados predominantemente ocidentais durante este ataque, o que foi obviamente feito de forma intencional para que o Ocidente ‘engolisse’ a próxima ronda de escalada na frente. E neste aspecto internacional global da guerra, a nossa análise continua sendo a mesma: no caso de uma entrada aberta e direta da OTAN, na guerra contra o imperialismo russo, apelaremos à derrota de ambos os lados deste confronto imperialista, sem eliminar a palavra de ordem de proteger a Ucrânia da agressão imperialista russa”<sup>3</sup>.

## TROTSKY, AUTODETERMINAÇÃO E INTERVENÇÃO IMPERIALISTA

Leon Trotsky tinha uma política completamente



diferente da defendida agora pela Fração Trotskista. Numa situação e numa guerra, que tinha claros pontos de contato com a atual: a invasão de uma potência a um país semicolonial e a intervenção de outros imperialismos nesse conflito vários anos antes da Segunda Guerra Mundial. Referimo-nos ao que aconteceu em 1937 com a invasão do império japonês na sua então semicolonial China. Nessa situação complexa, Trotsky não hesitou um segundo em tomar partido pela China e defender seu direito à autodeterminação, lutando contra a invasão. E assim o fez, mesmo sabendo que os EUA, então uma potência imperialista em ascensão, enviavam armas e dinheiro à China para enfraquecer o Japão, com quem disputavam hegemonia.

Com toda essa complexidade, somada a um governo chinês inimigo da classe trabalhadora, encarregado da direção militar da resistência, até Trotsky disse: “*Lenin dedicou centenas de páginas à necessidade básica de distinguir entre as nações imperialistas e as nações coloniais e semicoloniais, que são a grande maioria da humanidade. Falar de ‘derrotismo revolucionário’ em geral, sem distinguir entre países exploradores e explorados, é fazer uma caricatura miserável do bolchevismo e colocar esta caricatura a serviço do imperialismo.*

*Participar ativa e conscientemente na guerra não é ‘servir a Chiang Kai-shek’ mas servir a independência do país colonial, apesar de Chiang Kai-shek. As palavras dirigidas contra o Kuomintang são o meio de educar as massas para a derrubada de Chiang Kai-shek. Ao participar na luta militar sob as ordens de Chiang Kai-shek, uma vez que ele está infelizmente no comando da guerra pela independência, estamos preparando politicamente a derrubada de Chiang Kai-shek. Esta é a única política revolucionária*<sup>4</sup>.

É o mesmo Trotsky que, sobre forte e variada intervenção imperialista nesta guerra da ocupação japonesa, nunca perdeu de vista a forma de ordenar a política revolucionária, afirmando: “*Os bandidos*

*imperialistas estão travando um combate isolado contra um país semicolonial para fazer dele um país completamente colonizado. O operário japonês deve dizer: 'Os meus exploradores impuseram-me esta guerra desonesta'. O trabalhador chinês deve dizer: 'Os bandidos japoneses impuseram esta guerra defensiva ao meu povo. É a minha guerra. Infelizmente, a liderança desta guerra está nas mãos erradas.*

*Também ouvi argumentos do tipo: ao manter esta guerra liderada por Chiang Kai-shek contra o imperialismo japonês, estamos prestando um serviço ao imperialismo britânico e estadunidense e podemos tornar-nos o seu instrumento. Mais uma vez o ultra-esquerdismo torna-se um obstáculo à ação revolucionária [...] Em última análise, é falso que 'ajudamos' a Grã-Bretanha. Um povo que é capaz de se defender com armas na mão contra um bandido, amanhã será capaz de repelir o outro. Um partido revolucionário, que comprehende isto e que, consciente e corajosamente, toma o seu lugar à frente de um povo que defende os restos da sua independência, é o único partido capaz de mobilizar os trabalhadores durante a guerra e, depois da guerra, de arrancar o poder à burguesia nacional*<sup>5</sup>.

Com relação as diferentes posições da esquerda sobre a guerra na Ucrânia, há dois setores que, por razões distintas, cometem o mesmo erro político: nunca apoiaram o povo ucraniano nem defenderam o seu direito à autodeterminação em mais de dois anos de invasão. Algumas correntes não o fizeram porque caracterizam de forma equivocada que já estamos na Terceira Guerra Mundial, ordenando assim a sua política em torno de um conflito internacional que ainda não existe; com base nesse erro, toda a sua política até hoje é uma capitulação ao invasor russo. A Fração Trotskista, reconhecendo que ainda não existe uma Terceira Guerra Mundial, abandonou desde o início da invasão russa o princípio do direito da Ucrânia à autodeterminação e o seu direito militar de derrotar os invasores. Em ambos os casos, estas correntes levantaram e continuam levantando uma política muito distante das melhores experiências e ensinamentos do leninismo e do trotskismo sobre as guerras deste tipo.

## **IMPERIALISMO CHINÊS, NÃO. INCOERÊNCIAS, SIM**

Complementando os erros políticos grosseiros, a Fração Trotskista e o PTS debatem há anos o caráter da China e o seu papel nesta fase. Em artigos e diferentes estudos publicados em seus

sites, defendem que a China não pode ainda ser definida como uma potência imperialista. Segundo a autora de um dos artigos, estamos perante um “*bloco capitalista reacionário liderado pela China, que busca emergir como potência aprofundando seus traços imperialistas*”<sup>6</sup>.

Outro dirigente da corrente, há algum tempo, questionava diretamente se a China poderia continuar crescendo: “*Tendo em conta o conjunto de elementos internos e externos que levantamos, talvez a definição provisória mais adequada da China hoje seja a de um 'Estado capitalista dependente, com características imperialistas'. Esta fórmula descriptiva tem a vantagem de mostrar melhor o que é a China de hoje, pondo em evidência suas características contraditórias, sua dependência e, ao mesmo tempo, suas características imperialistas. Mas, sobretudo, tem o mérito de não dar por adquirido o enorme salto que implica a transformação da China numa potência imperialista, tendo em conta os difíceis desafios e obstáculos, internos e externos, que ainda deve ultrapassar, apesar dos progressos, deixando o caminho mais aberto a eventuais retrocessos na dinâmica ascendente da China*

<sup>7</sup>.

Por fim, há poucos meses, no momento das tensões políticas e militares em várias regiões, nas quais a China é um ator de primeiro plano, outro autor desvaloriza esta realidade, encarando com outra preocupação central: “*No cenário atual, enquanto as tensões entre o imperialismo norte-americano e a potência ascendente da China permanecem em níveis máximos, além das iniciativas bilaterais que buscaram conter o conflito, o governo de Xi Jinping precisa se concentrar cada vez mais nas dificuldades econômicas e sociais*

<sup>8</sup>.

Para se enquadrar nesta definição, a Fração Trotskista/PTS argumenta que a China ainda não desenvolveu todas as características que o marxismo e Lenin, particularmente, atribuíram a um determinado país para o considerar imperialista. Esta forma de abordar uma questão tão complexa e atual é, no mínimo, unilateral e esquemática. Entre outras razões, uma potência pode muito bem não ter ainda todas as suas características imperialistas muito desenvolvidas, mas, a combinação do desenvolvimento de algumas dessas características com o seu papel concreto no cenário mundial, resulta numa inequívoca localização como potência imperialista em disputa.

Levando o debate até o fim, é uma incoerência da Fração Trotskista colocar a possibilidade de uma guerra mundial imperialista se não houver imperialismo num dos polos, uma vez que não

consideram nem a China nem a Rússia imperialistas. E, se não são países imperialistas, então está fora de questão encarar uma terceira guerra mundial com esse caráter. Ou, dito de outra forma, antecipa na descaracterização uma capitulação posterior: numa hipotética guerra mundial, se partirem do fato de não considerarem um dos campos como imperialista, não poderão opor-se de forma independente aos dois imperialismos em confronto.

A realidade é muito mais rica e concreta do que as análises equivocadas desta corrente. A China é hoje claramente uma potência imperialista em desenvolvimento, competindo lado a lado com os EUA pela hegemonia mundial. Concorre na economia, no comércio, na política, na tecnologia e no campo militar, mesmo que ainda esteja atrasada em vários destes domínios. É verdade que, em vários aspectos, está se desenvolvendo e ainda não alcançou os EUA, por exemplo, no domínio militar e em alguns domínios tecnológicos, mas este atraso não é o elemento qualitativo único e sim, a evolução do progresso da China e a forma como se posiciona na luta mundial, onde tem claramente um objetivo e um papel imperialista. É também decisivo ver a dinâmica, inequivocamente imperialista. Por isso, há cada vez mais atritos e disputas com os EUA e a OTAN, embora a China, ainda não totalmente preparada, não procure, no momento, impulsionar uma Terceira Guerra Mundial, mas sim, continuar avançando nas linhas econômicas, comerciais e tecnológicas, até que, em algum momento, essas contradições e disputas passem a um plano superior.

Não ver este fenômeno em sua globalidade ou tentar reduzi-lo de forma unilateral, tomando apenas um aspecto da realidade (o elemento menos desenvolvido no sentido imperialista), desarma o enfrentamento e a denúncia da política chinesa na América Latina, na África e na Ásia, onde deseja retirar os bens comuns de muitos países e torná-los dependentes de seus empréstimos. A FT tende a não confrontar concretamente a China amanhã, tal como se recusa a confrontar a Rússia hoje que, não por acaso, mas pelo mesmo erro político, também não luta pela derrota da potência imperialista. A Rússia de Putin é claramente menos desenvolvida do ponto de vista financeiro, comercial, de exportação de capitais e em vários ramos da tecnologia em comparação com os EUA, Alemanha e a própria China, mas não se pode negar que, em sua região e a nível militar, é uma grande potência imperialista e, assim, deve ser denunciada e confrontada, não encoberta por definições abstratas.

## UM MODELO INTERNACIONAL DESATUALIZADO

Como contraponto a esse posicionamento político equivocado, esta corrente, estagnada no desenvolvimento internacional, defende uma política sectária que não é de todo útil para a construção de um verdadeiro projeto revolucionário internacional. Desenvolve um modelo obsoleto de acreditar que é «a internacional» revolucionária. Nessa perspectiva, tenta obrigar as correntes com quem se relaciona a aceitarem todas as posições teóricas e políticas que saem do grupo dirigente de Buenos Aires. Um modelo de obrigatoriedade em concordar com 100% nas posições e com a validade única da sua tradição.

Por essa estreiteza, não há qualquer hipótese de dar um salto qualitativo e progressivo, uma vez que poucos setores estão dispostos a aceitar o método das *verdades reveladas*, de se acreditarem donos de certezas universais ou representantes de uma história sem erros, quando esta é atormentada por deficiências e posições equivocadas. Com essa posição questionável, o método de construção da FT pretende que todos sigam seus passos sem permitir diferenças ou choques de opiniões dentro da mesma grande comunidade internacional.

Muito diferente deste método, construímos a LIS com base num programa revolucionário comum, respeitando as experiências anteriores e atuais de cada organização, respeitando sua origem e tradição. Apostamos que a experiência, o debate democrático e a construção conjunta no plano internacional solidificarão uma nova tradição mais elevada, mais rica política e teoricamente. Sem nos considerarmos os únicos revolucionários do mundo, mas contribuindo com todas as nossas forças para um método saudável de internacionalismo militante. ☮

- 
1. Claudia Cinatti. *A ofensiva russa na Ucrânia e os espectros de uma situação “pré 1914”*. Disponível no Esquerda Diário.
  2. Claudia Cinatti. *O convulso interregno da situação internacional*. Disponível no Esquerda Diário.
  3. Oleg Vernik. *Ataque do exército ucraniano à região de Kursk*. Setembro de 2024.
  4. Leon Trotsky. *Sobre a guerra sino-japonesa*. 23 de setembro de 1937.
  5. Leon Trotsky. *A Guerra Sino-Japonesa*. 27 de outubro de 1937.
  6. Idem: Nota 2.
  7. Juan Chingo. *La ubicación de China en la jerarquía del capitalismo global*. Disponível em La Izquierda Diario.
  8. Esteban Mercatante. *EUA e China no concerto internacional: incógnitas da conjuntura*. Disponível no Esquerda Diário.

# Por um REAGRUPAMENTO dos REVOLUCIONÁRIOS

## ACORDO ENTRE A LIS, A L5I E A OTI

A Liga Internacional Socialista, a Oposição Trotskista Internacional e a Liga pela Quinta Internacional concordaram em iniciar um processo de colaboração, intercâmbio e discussão com o objetivo de buscar uma fusão de nossas organizações internacionais até o final do próximo ano.

As convergências decorrem de profundos acordos sobre a caracterização da situação mundial, a política revolucionária em relação aos principais eventos da luta de classes atual e uma perspectiva comum sobre a necessidade de reagrupamento dos revolucionários com uma base programática e principista e um método centralista democrático saudável, visando avançar na construção de uma forte Internacional.

As três organizações se encontraram nos Encontros Internacionais de Milão, onde identificaram coincidências em análises sobre a situação mundial, a caracterização da China, da Rússia e do conflito interimperialista, bem como na política revolucionária em relação à Ucrânia e à Palestina.

Vemos uma perspectiva de aprofundamento da crise sistêmica do capitalismo, caracterizada por uma crescente polarização social e política desigual, marcada por uma ascensão da direita e da extrema direita, que chega ao poder em muitos países, combinada com resistências, movimentos de mobilização de massas, ondas de greves, rebeliões, revoluções e o surgimento de uma nova e jovem vanguarda militante radicalizada na luta de classes global. Contudo, enquanto um polo avança em consolidar sua representação política com a extrema direita, o outro luta nas ruas, mas carece de uma representação política clara. A crise de direção revolucionária das massas trabalhadoras e populares é mais aguda do que nunca. Daí a necessidade de uma nova Internacional, enraizada nas lutas dos explorados e oprimidos.

Essa Internacional deve construir uma direção e um programa baseados no legado de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo e na experiência de mais de 150 anos de enfrentamento do movimento operário contra as burocracias, as burguesias e o imperialismo.

Concordamos na caracterização da China e da Rússia como potências imperialistas emergentes que começam a competir com um imperialismo ocidental ainda hegemonic, mas em decadência. Enxergamos uma dinâmica de intensificação da disputa interimperialista global entre os EUA, a China e seus respectivos aliados, que resultará em crescentes tensões, conflitos e guerras regionais ou indiretas. Embora uma confrontação mundial direta não seja provável no curto prazo, podemos enfrentar uma etapa global em que tal cenário pode surgir no futuro, sendo o triunfo da revolução socialista em escala planetária a única solução para evitá-lo.

Concordamos com a política revolucionária em relação à Ucrânia, onde vemos a combinação de dois processos: a invasão da Ucrânia por uma potência imperialista que historicamente a dominou e o conflito interimperialista global que também se desenvolve nas trincheiras ucranianas. Na ausência de um confronto direto entre a OTAN e a Rússia, identificamos como predominante o processo de resistência do povo ucraniano contra a invasão do imperialismo russo. Assim, a política revolucionária implica apoiar essa resistência para que triunfe, defender o direito de autodeterminação do povo ucraniano e também do Donbass, além de enfrentar as políticas antitrabalhistas de Zelensky e lutar pela dissolução da OTAN.

Também concordamos que não há solução para o povo palestino sem a derrota do Estado genocida de Israel e sua substituição por uma Palestina única, laica, democrática e socialista, no marco de uma federação livre de repúblicas socialistas

no Oriente Médio. Essa luta implica apoiar a resistência palestina, bem como a do Líbano e de outros povos atacados pelo sionismo, além de construir uma direção revolucionária que lute pela revolução socialista em todo o Oriente Médio, contra Israel, os regimes árabes e as lideranças burguesas.

Esses pontos de acordo são substanciais. Não se trata de convergir em alguns temas arbitrários ou conjunturais, mas sim em uma perspectiva global, nos principais eventos da luta de classes e nas tarefas centrais dos revolucionários no mundo.

É significativo que também concordemos sobre a necessidade de reagrupamento internacional dos revolucionários com base em um programa revolucionário de princípios e em um método de construção saudável, com centralismo democrático que permita debater em um ambiente de camaradagem, processar diferenças e intervir na luta de classes com posições e campanhas internacionais comuns, apoiando mutuamente a construção de nossas organizações nacionais.

Acreditamos que, assim, é possível superar os limites teóricos, políticos e metodológicos de grande parte das correntes trotskistas atuais, cujas políticas e modelos de construção têm se mostrado inadequados para enfrentar a realidade mundial nas últimas décadas, resultando em crises e rupturas cada vez mais frequentes.

As correntes das quais provêm aqueles que participam desse processo de convergência não estão isentas de erros que buscamos corrigir.

Com base em uma avaliação crítica do passado, consideramos necessária uma convergência paciente de experiências diversas, aproveitando o melhor que cada corrente pode oferecer, para lançar as bases de uma nova tradição revolucionária construída coletivamente.

Em uma série de reuniões realizadas nos últimos meses, a OTI, a L5I e a LIS constataram a existência de uma base de acordos políticos e metodológicos suficiente para iniciar um processo de discussões, intercâmbios e coordenação com o objetivo de fundir nossas forças.

Iniciamos um trabalho de coordenação e intervenção conjunta, além de um processo de debates sobre o programa, a estratégia e as táticas para a revolução mundial. Embora as divisões e rupturas predominem nas organizações revolucionárias há tempos, a LIS, a L5I e a OTI promovem uma dinâmica de unidade e fusão. Esse é um processo aberto à integração de outras forças revolucionárias que compartilhem a necessidade de reagrupamento, contribuindo para a construção de uma Internacional revolucionária que, com o tempo, possa se tornar a representação política necessária para conduzir as massas trabalhadoras rumo à revolução socialista mundial. 

**Liga Internacional Socialista (LIS)**

**Liga pela Quinta Internacional (L5I)**

**Oposição Trotskista Internacional (OTI)**





**VLADIMIR ILICH LENIN**  
**2024, Centenário**  
**de sua morte**